



mensal | maio de 2020 | n° 11 | ano 26 |    /sescrevistae | [sescsp.org.br/revistae](http://sescsp.org.br/revistae) | [revistae@sescsp.org.br](mailto:revistae@sescsp.org.br) | Distribuição gratuita | Venda proibida

NOVAS TELAS | MOVIMENTO-SE JÁ | ODE À IMAGINAÇÃO | TIA AMÉLIA | JOHN CALE | MORAES MOREIRA | OS GAMES E A SOCIEDADE | MÔNICA DE AQUINO | MARCELO KNOBEL | SIDÊNIA FREIRE



# SEJA UM DOADOR MESA BRASIL!

LEVAMOS  
ALIMENTOS ÀS  
PESSOAS ATINGIDAS  
PELA CRISE DO  
CORONAVIRUS.

## CONHEÇA

Há mais de 25 anos o programa funciona como uma rede de combate à fome, ao desperdício e à má distribuição de alimentos, baseado na parceria entre a sociedade civil, o empresariado e as instituições sociais.

## OFEREÇA


Muitas empresas podem participar do Mesa Brasil Sesc São Paulo.

O programa só existe porque **empresários, produtores e gestores conscientes de sua responsabilidade social participam ativamente.**



SAIBA COMO PARTICIPAR

[mesabrasil.sescsp.org.br](http://mesabrasil.sescsp.org.br)



**NESTE MOMENTO, PRECISAMOS DE:**

**Cestas básicas**

**Produtos de higiene pessoal**

Creme dental, escova de dente, sabonete, desodorante, absorvente higiênico, papel higiênico e shampoo.

**Produtos de limpeza**

Sabão em pó, detergente, desinfetante e esponja.

**Produtos diversos**

Arroz, feijão, lentilha, leite, sardinha, carnes e embutidos curados sem refrigeração, enlatados e conservas, sal, açúcar, farinha de mandioca, fubá, molho de tomate e óleo.

**PODEM DOAR**

Centrais de abastecimento, produtores rurais, supermercados, atacadistas, padarias, confeitarias, feiras, indústrias, cerealistas, entre outros.



Pirababy

#### IMAGEM DA CAPA

A televisão chegou ao Brasil em 1950 e, ao longo das décadas, se tornou um elemento central nas salas de casa. A internet e a consolidação dos conteúdos por streaming *on demand*, nos últimos anos, têm ampliado o acesso e mudado o modo de assistir a essas produções.

## Para enfrentar os desafios

Os dois últimos meses impuseram à sociedade profundas mudanças na rotina, apresentando novos desafios, em razão do enfrentamento da pandemia do novo coronavírus. O isolamento social, o fechamento de parte do comércio, a adaptação do trabalho para o ambiente domiciliar geram, por vezes, angústias diante das incertezas inerentes a uma situação como essa.

As unidades do Sesc – Serviço Social do Comércio fecharam temporariamente suas portas. No entanto, a entidade mantém ativo o vínculo com seu público por meio de inúmeras iniciativas no ambiente digital, que incluem apresentações musicais, sugestões de leituras e reflexões e dicas de como enfrentar o confinamento, com uma alimentação saudável e equilibrada e práticas esportivas.

Além disso, apresenta-se como uma parceira do poder público, oferecendo seus espaços físicos para ações na área da saúde, doando equipamentos de proteção individual para os profissionais na linha de frente do combate a Covid-19 e levando doações de mantimentos pelo programa Mesa Brasil Sesc São Paulo. Assim, o empresariado mantenedor do Sesc reafirma o compromisso com o bem-estar da população, que é permanente e ainda mais intenso em momentos de crise.

#### ABRAM SZAJMAN

Presidente do Conselho Regional do Sesc no Estado de São Paulo

Você também pode ler a Revista E em tablets e smartphones

Baixe o aplicativo do Sesc São Paulo e confira as reportagens e entrevistas, além de vídeos, áudios e imagens.

Download gratuito para Android e iOS

App Store Google Play

## SUMÁRIO

### Ver além

*Tele*, do grego, significa longe; *visio*, do latim, remete a visão, ver. Enxergar além de onde a vista alcança. A chegada da televisão no Brasil, em 1950, trouxe consigo profundas transformações nos hábitos das famílias e abriu inúmeras janelas para acessar outras realidades. A evolução para a TV em cores, a invenção do controle remoto, a ampliação dos acessos de canais por assinatura, ao longo das décadas, deram ao espectador uma crescente autonomia sobre suas escolhas. Intensificada com a criação, na internet, das plataformas de *streaming* e os conteúdos *on demand*, que hoje permitem a cada um decidir o que, quando em qual dispositivo irá assistir aos programas. Abriu, ainda, a oportunidade de conhecer produções de diferentes lugares, como mostra reportagem da **Revista E** deste mês.

A internet, aliás, tem sido uma aliada nesses tempos de isolamento em razão da pandemia do novo coronavírus. Reportagem desta edição conta como as pessoas estão adaptando o ambiente doméstico para se manterem ativas, contando com o auxílio de instrutores de esporte pela web. Em abril, o Brasil se despediu do cantor e compositor Moraes Moreira, artista que deixa um legado para esta e futuras gerações. A **Revista E** havia conversado com ele poucos dias antes e traz, em *Entrevista*, o resultado destas reflexões, prestando assim uma homenagem a este eterno Novo Baiano. Boa leitura!

**DANILO SANTOS DE MIRANDA**

Diretor do Sesc São Paulo



Em **ENTREVISTA**, dias antes de sua morte, o músico, compositor e cantador **MORAES MOREIRA** falou sobre os Novos Baianos, carnaval e processo criativo **10**



**NOVAS TELAS** mudam hábitos e conteúdos vistos pela audiência brasileira **16**



No **PERFIL**, como a pianista e compositora **AMÉLIA BRANDÃO NERY** se tornou uma das grandes damas do choro **24**



Na **GRÁFICA**, o lirismo e rigor artístico do diretor e cenógrafo Gabriel Villela fazem **ODE À IMAGINAÇÃO** nos palcos **30**



Para fortalecer seu sistema imunológico, espantar o desânimo e promover outros benefícios à saúde física e mental, **MOVIMENTE-SE JÁ** **42**

DOSSIÊ	<b>7</b>
EM PAUTA   OS GAMES E A SOCIEDADE	<b>46</b>
ENCONTROS   MARCELO KNOBEL	<b>52</b>
DEPOIMENTO   JOHN CALE	<b>54</b>
INÉDITOS   MÔNICA DE AQUINO	<b>56</b>
ALMANAQUE PAULISTANO	<b>63</b>
P.S.   SIDÊNIA FREIRE	<b>64</b>



**A vocês, trabalhadores/as que são a razão da existência do Sesc, nosso muito obrigado!**



Neste 1º de maio, Dia do Trabalho, o Sesc agradece a todos/as vocês, trabalhadores/as do comércio, serviços e saúde que ao longo do ano participam dos nossos programas e atividades e que neste momento de crise estão garantindo a continuidade dos atendimentos essenciais à população.



Hospitais, clínicas, farmácias, açougues, supermercados e outros estabelecimentos estão atuando na linha de frente para dar o apoio necessário a todos/as os/as brasileiros/as neste momento tão delicado.



**Sesc**

[sescsp.org.br](http://sescsp.org.br)

# Cuca fresca

TERCEIRA EDIÇÃO DO PROJETO *INSPIRA – AÇÕES PARA UMA VIDA SAUDÁVEL* LEVANTOU REFLEXÕES SOBRE O BEM-ESTAR DA MENTE EM TEMPOS DE CRISE

Corpo e mente combinam-se e conectam-se visando ao bem-estar integral do ser humano. No entanto, a parte física, por ser visível, ao menor sinal de desequilíbrio pede uma ação. Enquanto a mente, mesmo diante de graves problemas, é silenciada a fim de evitar julgamentos da sociedade. Transtornos como depressão e ansiedade são cada vez mais comuns neste século e mesmo assim são velados ou tidos como adversidades secundárias. Afinal, como falar abertamente sobre a saúde e as doenças mentais?

Esse foi o foco da terceira edição do *Inspira – Ações para uma Vida Saudável*, realizada neste ano em ambiente digital, entre os dias 9 e 16 de abril, tendo em vista as ações de contenção do novo coronavírus. O projeto ocorreu no mês em que se celebra o Dia Mundial da Saúde (7/4) e levantou ideias, propostas e outras ações para o bem-estar da mente, principalmente neste atual contexto de incertezas, em razão da pandemia.

Dados recentes da Organização Mundial de Saúde (OMS) indicam que mais de 300 milhões de pessoas no mundo sofrem com depressão, problema que atinge cerca de 5,8% dos brasileiros. O país também está no ranking de mais ansiosos do mundo: 9,3% de quem vive no Brasil tem ansiedade em algum grau. Números que demonstram a urgente necessidade de conscientização sobre a saúde mental no nosso cotidiano.

“De forma lúdica e educativa, o Sesc destaca a importância da saúde mental a partir de temas como o isolamento social, a ansiedade e a solidariedade, dialogando com o momento em que vivemos e colocando a promoção da saúde no centro do debate”, afirma Fernando Andrade Oliveira, técnico de educação em saúde na Gerência de Saúde e Odontologia.

Assista às palestras *Isolamento Social e Saúde Mental* e *Ansiedade em Tempos de Crise*, entre outras, e faça oficinas como *Automassagem Guiada*, disponíveis em [sescsp.org.br/inspira](http://sescsp.org.br/inspira).

DE FORMA LÚDICA E EDUCATIVA, O SESC DESTACA A IMPORTÂNCIA DA SAÚDE MENTAL A PARTIR DE TEMAS COMO O ISOLAMENTO SOCIAL, A ANSIEDADE E A SOLIDARIEDADE, DIALOGANDO COM O MOMENTO EM QUE VIVEMOS E COLOCANDO A PROMOÇÃO DA SAÚDE NO CENTRO DO DEBATE

**FERNANDO ANDRADE OLIVEIRA,** técnico de educação em saúde na Gerência de Saúde e Odontologia



Estúdio Collages / Anoré Hölmeister



Flora Pimentel

## EM CASA COM O SESC

Enquanto as unidades do Sesc São Paulo seguem fechadas para contenção do novo coronavírus, o Sesc vai até seu público por meio de diferentes ações no ambiente digital. Em abril, o Sesc estreou o perfil *Sesc ao vivo* no Instagram (@sescaovivo), transmitindo uma série de shows pela internet como forma de fruição cultural em tempos de isolamento social. Já passaram por esse palco virtual os músicos Zeca Baleiro, Chico César, Roberta Sá, Paulo Miklos, João Bosco (*foto*), Zélia Duncan, Hamilton de Holanda e Mestrinho, Rael, Mônica Salmaso e Teco Cardoso, Davi Moraes e Pedro Baby. Acompanhe as ações do Sesc nos perfis das redes sociais com as hashtags #emcasacomsecc e #sescaovivo.



Divulgação

ROGÉRIO DE CAMPOS JOGA A GARRAFA NO MAR, REAL E VIRTUAL, DA ESCRITA E DA IMAGEM, MAS PRINCIPALMENTE PARA AQUELES QUE SE MANTÊM SENSÍVEIS ÀS CRIAÇÕES HUMANAS MAIS DELICADAS E SOFISTICADAS, FAZENDO SUA PROFISSÃO DE FÉ EM ARTISTAS DOS QUADRINHOS ESPALHADOS POR TODO O MUNDO

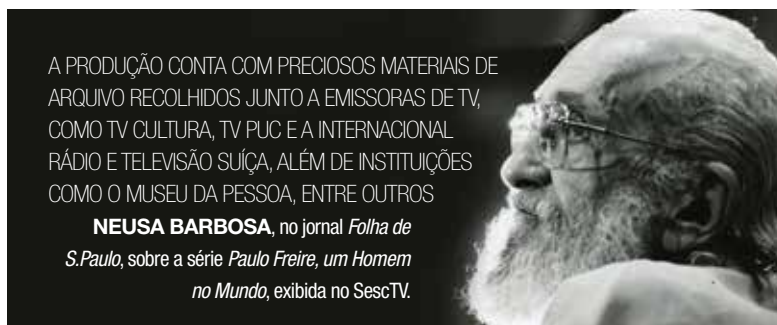
**TIAGO FERRO** no prefácio do livro digital *HQ: Uma Pequena História dos Quadrinhos para Uso das Novas Gerações* (Edições Sesc São Paulo, 2020), de Rogério de Campos, volume que faz parte da Coleção Deslocamentos.



Giro Filmes

OUTRO DESTAQUE É COMO O PROTAGONISMO DOS AFRICANOS MUÇULMANOS NA REVOLTA SE TRADUZ DIANTE DAS CÂMERAS. SENHORES DE ESCRAVOS, SOLDADOS E OUTROS BRANCOS APARECEM SEMPRE NA PENUMBRA, FORA DE QUADRO OU SIMPLEMENTE COMO SILHUETAS. OS MALÊS, INTERPRETADOS POR ATORES NEGROS, ESTÃO 100% EM PRIMEIRO PLANO NA CENA

**JULIANA DOMINGOS DE LIMA**, no jornal digital *Nexo*, sobre a série *Revolta dos Malês* (*foto*), exibida no SescTV.



Emerson do Amaral

A PRODUÇÃO CONTA COM PRECIOSOS MATERIAIS DE ARQUIVO RECOLHIDOS JUNTO A EMISSORAS DE TV, COMO TV CULTURA, TV PUC E A INTERNACIONAL RÁDIO E TELEVISÃO SUÍÇA, ALÉM DE INSTITUIÇÕES COMO O MUSEU DA PESSOA, ENTRE OUTROS

**NEUSA BARBOSA**, no jornal *Folha de S.Paulo*, sobre a série *Paulo Freire, um Homem no Mundo*, exibida no SescTV.

## JUNTOS PELA SAÚDE

Com o crescente número de casos de Covid-19 no Brasil, tornaram-se escassos os itens de proteção individual necessários para que os profissionais de saúde realizem o atendimento seguro dos pacientes contaminados. Por isso, o Sesc São Paulo fez a doação de máscaras cirúrgicas, toucas sanfonadas, luvas de procedimento e luvas plásticas aos serviços públicos de saúde estaduais e municipais. No total serão mais de 390 mil itens de proteção doados, que seriam utilizados principalmente nas clínicas odontológicas e serviços de alimentação nas unidades do Sesc, cujas atividades foram suspensas.



Marco Antonio

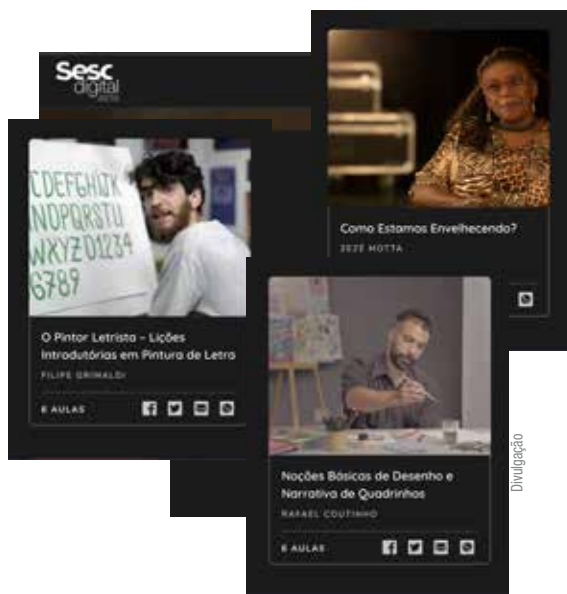




O Sesc São Paulo fez a doação de 37 toneladas de alimentos para 148 instituições que atendem pessoas em situação de vulnerabilidade social em todo o estado de São Paulo. A ação foi realizada nos meses de março e abril pelo Mesa Brasil Sesc São Paulo, programa nacional de combate à fome e ao desperdício desenvolvido há 25 anos pelo Sesc. Além da distribuição de alimentos, o programa estendeu sua atuação para a coleta e entrega de itens de higiene pessoal e limpeza – essenciais para impedir a propagação do novo coronavírus.

## APRENDER EM CASA

Cursos livres e gratuitos para descobrir e aprender técnicas e saberes, além de pensar sobre nossos modos de viver. Essa é a proposta da EAD Sesc Digital, nova plataforma de educação à distância do Sesc São Paulo, que propõe múltiplas formas de entrar em contato com novos conhecimentos, sempre acreditando no poder transformador da educação não formal. Voltadas para curiosos, amadores e profissionais, as aulas são gratuitas, online e podem ser realizadas no seu ritmo. Já estão disponíveis os cursos: *Pintor Letrista – Lições Introdutórias em Pintura de Letra*, com o artista Filipe Grimaldi; *Noções Básicas de Desenho e Narrativa de Quadrinhos*, com o quadrinista Rafael Coutinho; *Como Estamos Envelhecendo*, com a atriz Zezé Motta; e *Viola Caipira*, com o músico Ivan Vilela. Acesse a plataforma: [ead.sesc.digital](http://ead.sesc.digital).



# ETERNO BAIANO

PARTE O CANTADOR E POETA QUE MARCOU A HISTÓRIA DA MÚSICA BRASILEIRA, FICAM AS HISTÓRIAS E CANÇÕES DE AMOR, VIDA E ALEGRIA

Quando o céu se enfeita de estrelas nasceu Antônio Carlos Moreira Pires no dia 8 de julho de 1947. No sertão baiano, mais especificamente no município de Ituaçu, Moraes Moreira já se alimentava de música. Até encontrar em Salvador, na adolescência, o violão e uma turma de amigos com quem formaria os Novos Baianos, marcando para sempre a história da música brasileira. Entre os anos de 1969 e 1974, compôs com Baby Consuelo, Pepeu Gomes, Luiz Galvão e Paulinho Boca de Cantor canções que provocaram o regime autoritário e contagiaram os jovens com a mesma alegria que Moraes dizia ser ingrediente essencial da banda. Na carreira solo, teve como grande êxito *Pombo Correio*, canção que não só “estourou nas paradas de sucesso”, como o próprio artista já disse, mas que também deu um recado aos brasileiros: Moraes se faz e se refaz pela música. Aos 72 anos, quatro dias antes de morrer, devido a um infarto agudo do miocárdio, o cantor, compositor e “cantador”, como preferia ser chamado, concedeu uma entrevista à *Revista E*. Nela, confiou ao jornalista e amigo Miguel De Almeida memórias, percalços, saudades e mesmo a dificuldade em lidar com o atual contexto de reclusão. “Tá chato demais esse negócio de quarentena... Insuportável”, confessou. Também movido por esse momento da história mundial, escreveu uma poesia em sua *fanpage* no Facebook, mais uma vez, apontando para o otimismo e alegria que o acompanharam ao longo da vida: “Nem tudo aquilo que assombra / À escuridão nos reduz / Ouvi dizer que onde há sombra / É certo que haverá luz”. No dia 13 de abril, a festa foi no céu. Lá onde fagulhas, pontas de agulhas, brilham estrelas de Moraes Moreira.



Moraes Moreira, em  
apresentação no Sesc  
Itaquera, em 2006

Nilton Silva

### Olhando agora, o que foram os Novos Baianos?

Os Novos Baianos ainda são, ainda serão e, pelo jeito, vão continuar sendo um grupo que marcou não só os anos 1970 como vem marcando a vida dos brasileiros, dos pais de brasileiros dos anos 1970, que fizeram a cabeça dos seus filhos com nossos discos, nossas poesias, nossas músicas. Depois dos pais veio a internet e começaram a ver nossa vida no sítio, nossa filosofia de vida e descobriram que éramos não só um grupo que tocava e cantava junto, mas que também vivia junto. E isso foi interessando muito o pessoal. Teve um show em Curitiba em que uma menina de 17 anos chegou para mim e disse: “Eu queria ter nascido no sítio para morar lá com vocês naquela época”. Foi realmente um movimento porque a gente se propôs a tocar junto, morar junto, criar junto, jogar bola junto, brigar junto, entendeu? Dividir a tristeza e a alegria. Tristeza quase não há porque a gente é muito alegre. O pessoal do Partido Comunista dizia que nós não servíamos para ser do partido porque éramos muito alegres. Então, os Novos Baianos continuam sendo, de qualquer maneira, e agora é no musical *Novos Baianos* [que esteve em cartaz no Sesc Vila Mariana em dezembro de 2019]. Então, é um grupo que marcou o Brasil, e em todo momento em que o Brasil tem dificuldade, os Novos Baianos aparecem para levantar a autoestima do povo brasileiro.

### O que achou do musical?

Tive uma discussão com Baby, por causa do musical sobre os Novos Baianos. Ela não queria que aparecessem drogas etc. Ora, que chateação. Havia drogas, sim, como havia alegria e música o tempo inteiro. Não dá para depois de velho querer apagar coisas de nossa juventude. Não dá para esconder, isso é meio ruim. Não dá para mudar a história, né? Éramos daquele jeito que apareceu no musical, sim. Meninos de 21 anos nos representando superbem, tocando muito. O cara que faz Moraes Moreira... Parecia que era eu que tava no palco. Maravilhoso.

### Como foi a construção daquela sonoridade?

**Pepeu mais roqueiro, você mais MPB.**

**Quais eram os pontos de intersecção?**

Tudo em um lugar. Eu, no interior da Bahia; Pepeu em Salvador, nos conjuntos de iê-iê-iê, tocando Beatles; Paulinho Boca de Cantor, crooner de orquestra; Galvão nessa época era engenheiro, mas já era poeta desde menino, porque aprendeu com João Gilberto em Juazeiro da Bahia a ser poeta e sonhar em ser poeta. Foi ele quem trouxe o João Gilberto para os Novos Baianos. No começo, nós éramos roqueiros, toda aquela geração dos anos 1960 para 1970 influenciou bastante a gente – Jimi Hendrix, Janis Joplin... Éramos fãs. Quando João Gilberto chegou e pediu para eu cantar, eu cantei: “Não se assuste pessoa, se eu lhe disser que a vida é boa”. Muito rock. João olhou aquilo tudo quando foi na nossa casa e disse: “Tá legal. Mas vocês precisam olhar para dentro de vocês mesmos”. Foi aí que ele mudou a nossa vida. Principalmente quando ele cantou: “Chegou a hora dessa gente bronzada mostrar seu valor”.

OS NOVOS BAIANOS  
AINDA SÃO E, PELO  
JEITO, AINDA VÃO  
CONTINUAR SENDO,  
UM GRUPO QUE  
MARCOU NÃO SÓ  
OS ANOS 1970 COMO  
VEM MARCANDO A VIDA  
DOS BRASILEIROS

### Qual foi de fato a influência de João Gilberto nos Novos Baianos?

Nossa brasilidade quem trouxe, quem despertou foi João Gilberto. Uma brasilidade que se misturou com o nosso rock, com nossa forma de tocar. Nós ouvimos a forma de João tocar e misturamos com a nossa forma de tocar, entendeu? E deu nesse rock brasileiro, nessa mistura de guitarra elétrica com violão, de acústico com elétrico, sem preconceito nenhum. E isso resultou no samba dos Novos Baianos.

### Na década de 1970, como a política dos militares pesava na sua produção musical?

Parece que a ditadura foi a época em que mais se tocou música brasileira. Eu estourei no rádio com o *Forró do Abc*, Alceu Valença estourou com *Manga Rosa*, outros estouraram. As gravadoras estavam fortes e a gente também estava nessa época. Então tinha o lado pesado da censura que a gente driblava com nossas letras, que eles não entendiam. Por isso, a censura não pegou muito a gente. Primeiro porque eles achavam que nós não éramos comunistas, achavam que éramos muito loucos para ser comunistas. Então, pegavam a gente para dar baculejo [busca pessoal, revista] e soltavam de novo.

A MENINADA QUE NÃO  
QUERIA MAIS SABER DE  
CAVAQUINHO E BANDOLIM  
COMEÇOU A SE INTERESSAR  
PELO QUE ERA “COISA DE VELHO”.  
ENTÃO, OS NOVOS BAIANOS  
PRESTARAM MAIS ESSE  
SERVIÇO À MÚSICA BRASILEIRA



Isabel D'Elia

O músico, no Sesc Vila Mariana, em 2006

**Os Novos Baianos são vistos como uma ponta de prazer dentro daquele universo de música engajada, politizada. Vocês eram cobrados para serem mais politizados?**

Os Novos Baianos nunca fizeram música engajada. Você nunca ouviu os Novos Baianos dizerem: “Abaixo à ditadura”. Novos Baianos diziam: “Vou mostrando como eu sou e vou sendo como posso”. Entendeu? Novos Baianos diziam outra coisa, era outra linguagem, não era panfletária. A música dos Novos Baianos é muito diferente de tudo. Me desculpem os outros grupos que cantaram perto. Depois da gente vieram os Secos e Molhados, músicos de Minas Gerais... De todo canto vinha um grupo musical. Mas confesso que os Novos Baianos têm uma marca muito forte de música, de poesia. A gente, realmente, era o grupo brasileiro com força rock'n'roll que, talvez, mais representasse o Brasil naquele momento. E a gente fez e correu atrás. A gente fez *Acabou Chorare*, a gente fez *Os Novos Baianos Futebol Clube*, fizemos muitos discos bonitos, gravações bonitas. Aprendemos com João Gilberto o rumo das coisas.

**Em 1970, havia a pressão para buscar uma brasilidade em oposição ao que se dizia da música estrangeira.**

**Como isso refletia na sua produção?**

Fizemos essa alquimia de guitarra, violão, cavaquinho, bandolim. A menina que não queria mais saber de cavaquinho e bandolim começou a se interessar pelo que era “coisa de velho”. Então, os Novos Baianos prestaram mais esse serviço à música brasileira: a juventude brasileira começou a conhecer Jacob do Bandolim, Waldir Azevedo, essa turma toda do instrumental brasileiro. Waldir Azevedo foi o primeiro lugar em paradas de sucesso com *Delicado*, e *Brasileirinho* ficou em segundo lugar. Entendeu? Em rádio mesmo, na parada, ganhando dos cantores. Eles tinham muito ciúme do Waldir, tanto que no Rio não se toca muito Waldir Azevedo. No mais, é toda aquela influência da música dos anos 1930: a gravação de *Samba da Minha Terra*, de Dorival Caymmi, é marcante, como é marcante a gravação de *Brasil Pandeiro*, de Assis Valente, que nós fizemos e que parece música nossa.

**Vocês foram presos por causa de drogas, “vagabundagem”. Eram perseguidos por serem cabeludos?**

A gente foi preso por causa de tudo, muitas vezes, e perseguidos por sermos cabeludos, mas eles diziam: comunistas eles não são, porque são muito loucos. Então, eles acabavam liberando a gente. Não foram poucas as vezes que nós fomos parados para averiguação e tal. De vez em quando, um carroção parava no nosso sítio em Jacarepaguá (RJ) porque eles gostavam de conversar com a gente, mas a gente morria de medo. Era um momento que a gente levava de uma maneira incrível. Parecia que a gente estava driblando tudo, entendeu? Driblando tudo e passando por aquilo tudo e vivendo com alegria, trazendo alegria. Era impressionante a nossa posição diante daquela dureza toda de AI-5 e de tantas coisas que vieram.

**Como foi a vida no sítio, vivendo em comunidade?**

Fui bastante feliz. Minha primeira filha, Ciça, nasceu quando a gente se mudava do apartamento de Botafogo para o sítio. Da maternidade, ela foi para o sítio, e logo depois veio o Davi. A vida era caótica. Em termos de organização, não tinha aquela comida certa, não tinha nada. Então, para as crianças começava a ficar muito pesada aquela vida que a gente levava. Era correr para buscar leite para as crianças, e de noite o pessoal fazia mingau com o leite. Uma loucura. Era uma vida que não tinha regularidade que favorecesse uma criança a se desenvolver sã e crescer saudável. Então, quis muito naquele momento, e Marília me questionava muito isso: quis muito continuar no grupo e morar em outro lugar. Batalhei por essa alternativa, mas não foi aceita. Naqueles tempos, acho que começava a abertura no Brasil e pensei que os Novos Baianos, aquele grupo bem fechado, tivessem começado também um pouco a sua abertura. Mas foi um engano muito grande. Eles não aceitaram que eu sáísse para morar em outro lugar e tive que sair sozinho.

**Que dificuldades surgiram com a saída do grupo?**

Deixei tudo lá. Tive que começar tudo de novo. Minha saída dos Novos Baianos foi um dos momentos mais difíceis da minha vida. Sair dos Novos Baianos era loucura, uma barra pesada. Tinha que ter muita coragem,

para sair e saí num dia assim: todo mundo triste e tal, mas eu saí. Saí, fui morar com Marília e meus filhos, e foi aí que a gente continuou a vida, os meninos crescendo... Aí eu e Marília tivemos uma nova separação, eu comecei a fazer sucesso, gravar *Pombo Correio*, gravar outras músicas, mas *Pombo Correio*, principalmente, que me levou ao sucesso, que foi para as paradas de sucesso. A abertura de *Pombo Correio* é minha. Lincoln Olivetti fez o arranjo a partir de uma abertura que sugeri a ele, que já havia nascido com a canção. Todos elogiavam a abertura pensando que fosse dele. Eu sempre disse: “Reivindico essa introdução! Ela é minha!” De todos os produtores com os quais trabalhei, Lincoln era um dos mais criativos.

Era de fato um arranjador, mais do que um produtor. Comecei minha carreira solo já reconhecido como Moraes Moreira e não simplesmente um ex-Novos Baianos. Eu parti para fazer sucesso não só comigo, mas também com outros cantores. Entrou o segundo disco, *Lá Vem o Brasil Descendo a Ladeira, Forró do Abc, Meninas do Brasil*. Minha carreira solo gravada por Simone, Maria Bethânia, por Gal Costa, com a música *Festa do Interior* e que estourou no Brasil todo. Por aí foi minha vida: fui levando e compondo.

**Que outros grandes parceiros você destaca ao longo da carreira?**

Compus com vários parceiros. Compus com Galvão, meu parceiro do começo, talvez o meu maior parceiro em número de músicas e de vivência. Depois que saí dos Novos Baianos, o Fausto Nilo foi o parceiro com quem eu fiz muitas canções: *Meninas do Brasil, Eu Também Quero Beijar, Chão da Praça, Bloco do Prazer...* Várias canções de sucesso fiz com Fausto Nilo. Depois, também fiz canções de sucesso com Abel Silva. E com Antonio Risério, principalmente aquelas canções com marcada matriz africana. Tanta gente com quem compus, tantos parceiros. Jorge Mautner, grande parceiro... Paulo Leminski, que virou “curitibaiano”, a gente tem mais de 20 músicas inéditas, eu e Paulo Leminski.

**Durante um período você foi identificado como um compositor de músicas de carnaval. Como é fazer canções para serem cantadas pelas multidões?**

TUDO ASSIM  
INACREDITAVELMENTE  
FÁCIL: “PRETA, PRETA,  
PRETINHA”. UM REFRÃO  
DESSE, PÔ, ISSO VALE  
TUDO. ENTÃO, FOI  
ASSIM, FOI NO VENTO,  
NA INSPIRAÇÃO  
E NA PIRAÇÃO.

## SOU UM VIOLEIRO NA ESTRADA, REPARANDO AS COISAS DA VIDA. UM CANTADOR É ISSO O QUE SOU

O meu estouro no carnaval se deu com a parceria com o trio elétrico de Dodô e Osmar, os criadores e inventores do trio. Eu me aproximei deles pelo Armandinho, que eu queria que tocasse comigo. Fui conhecendo aquele repertório maravilhoso do trio, porque eles faziam tudo: faziam o caminhão, faziam as músicas, faziam os instrumentos que eles mesmos tocavam. Maravilhoso o trio elétrico. Então, entrei no carnaval da Bahia com muito sucesso. Botei letra em *Pombo Correio* em 1976, sendo que a música foi feita em 1952. O Carnaval virou uma coisa a mais na minha vida. Tenho muitas músicas, *Chão da Praça* e *Chame Gente*, que depois tomou conta e se tornou hino no carnaval da Bahia. Dodô e Osmar me proclamaram “primeiro cantor do carnaval da Bahia”, porque não tinha cantor antes, era só instrumental. E eu continuo até hoje, ainda balançando o chão da praça.

**Você é bastante confundido com Alceu Valença e Alceu é bastante confundido com você. Por acaso, vocês dois são compositores com canções de muito sucesso popular. Existe algo parecido entre vocês dois, além do cabelo comprido?**

Essa confusão que fazem de Moraes Moreira com Alceu Valença ou de Alceu Valença com Moraes Moreira não sei de onde é. Onde encontram essa similaridade. Porque tenho bigode, ele não tem, e a gente é bem diferente, nosso rosto é diferente. Nossa fisionomia é diferente. Agora, a gente é cabeludo, é da mesma geração. Então, deve ser por aí, como falei na música *Pernambuco é Brasil*. Deve ser porque eu escrevo e gosto muito de frevo, de maracatu. Sempre fui muito ligado ao frevo pernambucano. Mas essa é uma brincadeira muito legal. A gente curte muito, eu e Alceu.

**Como foi fazer *Preta Pretinha*?**

Foi como uma melodia que o vento soprou. Eu nem acreditei e falei: “É plágio essa melodia, não é possível que ela não exista ainda”. Mas depois vi que não existia. Ela veio muito natural: a letra, a música. Tudo assim inacreditavelmente fácil: “Preta, preta, pretinha”. Um refrão desse, pô, isso vale tudo. Então, foi assim, foi no vento, na inspiração e na piração.

**No disco *Acabou Chorare*, qual sua canção preferida? Qual seria o grande achado na sua opinião? Ainda mais porque o disco foi escolhido como um dos mais importantes da história da MPB.**

Eu gosto de todas as canções. É um disco que amo, que adoro. É uma bíblia para mim. Sempre que tenho qualquer dúvida, eu volto pra *Acabou Chorare*. É uma fonte, uma fonte que nunca seca e está sempre inspirando coisas. Aquela fórmula, aquele lugarzinho ali que a gente acertou e cantou. Aquilo ali é tudo. Mas, das músicas de que mais gosto, *Preta Pretinha* é uma delas. E das músicas que mais me intrigam pela sua complexidade, *Mistério do Planeta*. Tanto pela letra quanto pela música. Se você me perguntar que ritmo é *Mistério do Planeta*, eu não vou saber lhe dizer. E se alguém souber que me diga. É por isso que eu digo que a música dos Novos Baianos é diferente mesmo. Até agora não vi um grupo que eu possa dizer que pareça muito com os Novos Baianos. Não quero dizer que a gente é melhor do que ninguém, mas isso que falo é verdade. Para mim é verdade.

**Daqui para a frente, o que serão Os Novos Baianos?**

As pessoas querem saber meus dias do passado. Isso que era vida. Isso que os meninos querem saber, como que era, era risada o tempo todo, era criatividade o tempo todo, era vida o tempo todo. Quando alguém perguntava: Que horas vocês ensaiavam? A gente falava: “Não... Nossa vida era um ensaio”. Era fazer música e jogar bola. Jogava bola, mas parei há algum tempo. Mas jogava de bossa, nunca pensei em ser profissional. Era isso, entendeu, era isso o tempo todo que a gente buscava. Apesar de tudo, apesar das dificuldades, apesar da fome, apesar da repressão, que não era aquela de mandar a gente embora daqui, mas era aquela de dar dura na gente toda hora. E tudo isso, tudo isso foi muito presente na nossa vida, dos Novos Baianos, mas a gente conseguiu atravessar tudo isso e espero que a gente consiga atravessar muito mais ainda.

**O que mudou em termos de produção musical?**

Eu agora sou artista popular, sou cordelista, sou um cantador, estou fazendo minha passagem de cantor para cantador, entendeu. Sou um violeiro na estrada, reparando as coisas da vida. Um cantador é isso o que sou agora. Depois de velho, baixou o poeta. Estou fazendo música e escrevendo sem parar. Estou adorando escrever, viver essa coisa de ser poeta. Música e poesia aparecem na minha cabeça o tempo inteiro. ■



Leia também o Perfil  
*Enquanto Corria a Barca*,  
sobre o emblemático  
álbum *Acabou Chorare*





# NOVAS TELAS

AS DIVERSAS FORMAS DE ACESSO À PRODUÇÃO  
AUDIOVISUAL TRANSFORMAM HÁBITOS E  
AMPLIAM AS ESCOLHAS DA AUDIÊNCIA

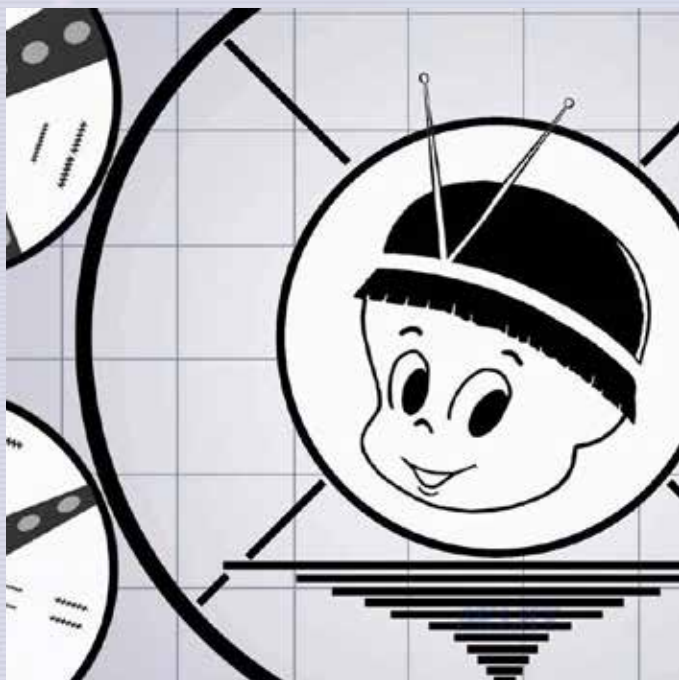
**N**o lugar de mais prestígio da residência dos brasileiros estava ela: a televisão. Desde a chegada dos primeiros modelos na década de 1950, ela se tornou um veículo de informações e de entretenimento da sociedade. As poucas famílias que podiam comprar aquele artigo de luxo — muitas vezes decorado por vasos de flores, no centro da sala — convidavam vizinhos e parentes a se reunir à sua volta. Como um grande evento social, todos assistiam às primeiras programações, em preto e branco. Um cenário nem tão longínquo, uma vez que faz apenas dez anos que os televisores passaram a compartilhar a popularidade com tablets e celulares. Hoje, num contexto de restrição ao ambiente doméstico para contenção do novo coronavírus, tanto a TV quanto outras telas aumentam o alcance a conteúdos produzidos no Brasil e no mundo, modificando hábitos e ampliando escolhas. ▶

# Aperte o play

COMO A DIFUSÃO DE CONTEÚDO AUDIOVISUAL VEM MUDANDO AO LONGO DO TEMPO

## 1950 O PRIMEIRO TELEVISOR

No Brasil, a primeira transmissão televisiva foi realizada em São Paulo, dia 18 setembro de 1950, pela primeira emissora brasileira de televisão: a TV Tupi, do jornalista Assis Chateaubriand. Os primeiros televisores foram importados e espalhados em diferentes espaços da cidade. Ter uma TV era como ter um artigo de luxo em casa. O sinal para transmissão dos programas era amplificado por torres, que se tornaram pontos turísticos nas capitais brasileiras. A exemplo da Torre de TV, projeto de Lúcio Costa, em Brasília. Outra novidade criada nessa década foi o controle remoto, que até meados da década de 1970 tinha pouquíssimos botões.



Divulgação

## 1960 O VIDEOTAPE

Com o advento do videotape, as emissoras passaram a gravar em fitas magnéticas shows de música e partidas de futebol a serem transmitidos para emissoras afiliadas de outros estados. Essa foi uma revolução, por exemplo, para a música brasileira. No final dos anos 1960, programas como *O Fino da Bossa* (1965-1967), apresentado por Elis Regina e Jair Rodrigues, na TV Record, eram realizados em São Paulo, gravados em videotape e, então, enviados para transmissão em emissoras afiliadas.

## 1970 TELEVISÃO EM CORES

A Copa do Mundo no México foi o primeiro evento esportivo assistido simultaneamente pelo Brasil e outros países. Também em meados da década de 1970, as emissoras passaram a transmitir programas em cores. A primeira novela colorida brasileira foi *O Bem Amado*, de Dias Gomes, com o ator Paulo Gracindo (1911-1995) no papel do político Odorico Paraguaçu, um homem que, apesar do caráter duvidoso, era querido pela população da cidade fictícia de Sucupira.



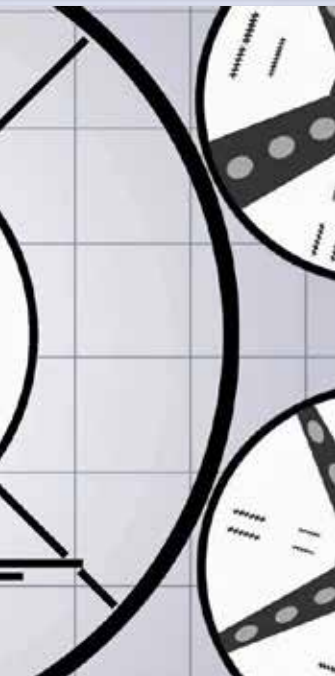
*The world at their feet*, o filme oficial da Copa de 1970 / Divulgação

## 1980 O VIDEOCASSETE

No começo da década de 1980, foram fabricados os primeiros aparelhos de videocassete no país. A novidade criou uma geração que passou a assistir a conteúdos que eram exibidos previamente nas salas de cinema, diretamente de casa. Alugar fitas em locadoras, assistir e "rebobinar" antes de devolver se tornaram um hábito.

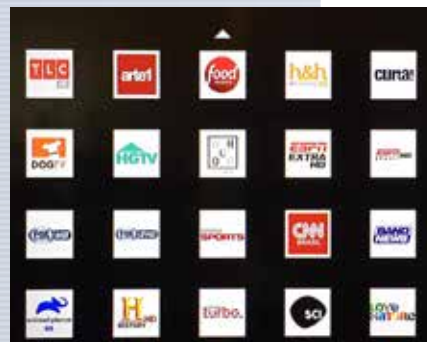


Pixabay



## 1990 TV A CABO

Outra tendência chega ao Brasil: a TV a cabo, ou por assinatura. Com essa novidade que passava a oferecer mais canais e uma variedade de programação, diferentemente das atrações oferecidas pelos canais tradicionais da TV aberta, os espectadores ganharam o poder de escolha quanto ao tipo de canal e programa que mais lhes interessam assistir. Outra mudança, estabelecida pelo advento da TV a cabo foi a difusão de televisores com controles remotos que apresentavam cada vez mais botões.



Divulgação

## 2005 YOUTUBE

Com o advento da internet banda larga, e maior velocidade da transmissão de dados, o YouTube, lançado em 2005, começou a enterrar o velho hábito de ter hora marcada para consumir conteúdo audiovisual. Nele, era possível o internauta acessar quando quisesse a diversos tipos de vídeos. Começava aí o conceito de *on demand* (em português, "por demanda").



Divulgação

## 2006 SESC TV

O SescTV se consolida como um canal cultural com programação linear transmitida por TVs a cabo, a exemplo da OiTV (canal 128). A partir de 2013, também passa a ter transmissão digital no portal do Sesc São Paulo e estreia sua plataforma de streaming *on demand*, reunindo um acervo de produções audiovisuais brasileiras e estrangeiras: longas e curtas-metragens, documentários, séries, entrevistas e debates. Conteúdos de acesso gratuito, focados na cultura e que prezam a diversidade.

## 2011 TV DIGITAL E NETFLIX

Desembarca no país a TV Digital, que melhorou a qualidade do sinal e liberou mais banda para os celulares – somente dois anos depois entramos na era 4G. O principal benefício que a internet mais rápida trouxe foi um ecossistema propício ao *streaming*: música, games, vídeos. Foi também nesse ano que a plataforma de *streaming* Netflix chegou ao Brasil.



Pixabay

## 2019 ERA DO STREAMING

Em junho de 2019, a Netflix contabilizou 27 milhões de usuários no Brasil, isto é, pessoas que acessaram a plataforma ao menos uma vez por mês. No entanto, este número é ainda maior, uma vez que muitas pessoas compartilham assinaturas. Além da Netflix, outras plataformas, como HBO, Amazon e Disney proporcionam ao espectador novos e exclusivos conteúdos no formato *on demand*. Com essa nova concorrência, a TV por assinatura vem perdendo espaço, deixando dúvidas acerca do futuro tanto da TV a cabo quanto da TV aberta.



Pixabay

► Diretora, produtora e roteirista, Laís Bodanzky passou por diferentes estágios da história da televisão até chegar ao atual contexto de exibição de conteúdo por *streaming* (forma de distribuição digital de dados pela internet) *on demand* (por demanda), pelas mais diversas plataformas e por assinatura. “Observo mudanças na forma como consumimos conteúdo audiovisual. Por exemplo, na minha infância, eu assistia a um programa da TV ou a um filme uma única vez. A reprise não era tão comum. Assistir à mesma obra 500 vezes como as crianças fazem hoje, isso não existia”, analisa.

Além disso, Bodanzky acredita que o olhar do público se tornou mais apurado. “Entendemos mais de linguagem audiovisual. Mesmo aquele que diz que não é um especialista. Isso porque ele consome no celular, no computador, na TV, no cinema, nas mil plataformas que existem. Nos tornamos especialistas. Somos uma sociedade audiovisual”, complementa.

## DIVERSIDADE DE CONTEÚDO

A possibilidade de navegar por diversas plataformas de conteúdo audiovisual também levou à difusão de um número maior de produções de todo o mundo. Séries espanholas e israelenses, longas-metragens coreanos e finlandeses conquistaram uma audiência brasileira. O resultado? Passamos a ter mais contato com outras realidades e formas de contar uma história. Diretor e roteirista, Esmir Filho, que trabalha no segmento do audiovisual desde 2004, realizando filmes e séries, também observa uma maior diversidade de temas nesta cena.

“No que diz respeito a séries, existe um lugar interessante: estão se abrindo mais possibilidades de conteúdo. Antigamente você não falava tão abertamente sobre questões como sexualidade, política e preconceito em uma rede com tanto acesso às pessoas. Então, em termos de conteúdo, vejo uma diversidade”, constata.

Uma das consequências, segundo o cineasta, é que começamos a compreender, discutir ou questionar uma cultura específica de determinada região – seja porque há um





apreço pela língua ou pela forma como aqueles personagens se comportam diante de uma situação. No entanto, a série, dentro desse contexto, ainda responde a uma linguagem universal de séries que está sendo estudada, feita e produzida. “Eu gosto muito e não demonizo a tecnologia e tudo que possa fazer a gente se encontrar, inclusive agora a gente está vendo o quanto isso é importante em tempos de pandemia”, pondera.

### VOCÊ ESCOLHE?

Com tantas ofertas de conteúdo, será que aprendemos a escolher? A partir de 1990, a TV por assinatura ampliou o repertório de canais e segmentos de interesse. Desse momento em diante, o público ganhou a possibilidade de zapear até encontrar um canal entre tantos oferecidos por um variado cardápio. O formato *streaming on demand* ampliou esse leque e ainda trouxe a possibilidade de assistirmos a novelas, séries, animações e filmes em qualquer lugar e hora, num equipamento leve e portátil como o celular.

No entanto, segundo o professor emérito da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) Ismail Xavier, cada geração terá a preferência por uma tela e por determinado tipo de conteúdo. “Antes das TVs por assinatura, você tinha uma escolha restrita, e a maioria dos telespectadores tendiam a ver um certo tipo de programa. Agora, com esse aumento brutal de opções, potencialmente estamos mais livres”, analisa. “Só que grande parte das pessoas vai procurar repetir aquilo que já está assentado no seu gosto. Você não é encorajado a pesquisar.”

Para que esse novo espectador aproveite, de fato, esse ambiente diverso de conteúdo, é necessário que ele aprenda a escolher. “A ampliação de repertório vai depender da educação básica, do ensino médio. Da formação em universidades, em cineclubes, instituições culturais. É na educação que vejo a força para a criação de critérios de escolha e uma postura crítica diante da atual difusão audiovisual”, completa Xavier. ■

# Canal cultural

NO FORMATO LINEAR E *ON DEMAND*, O SESCTV PROMOVE A FRUIÇÃO DE DIVERSAS PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS E FOMENTA REFLEXÕES SOBRE A SOCIEDADE

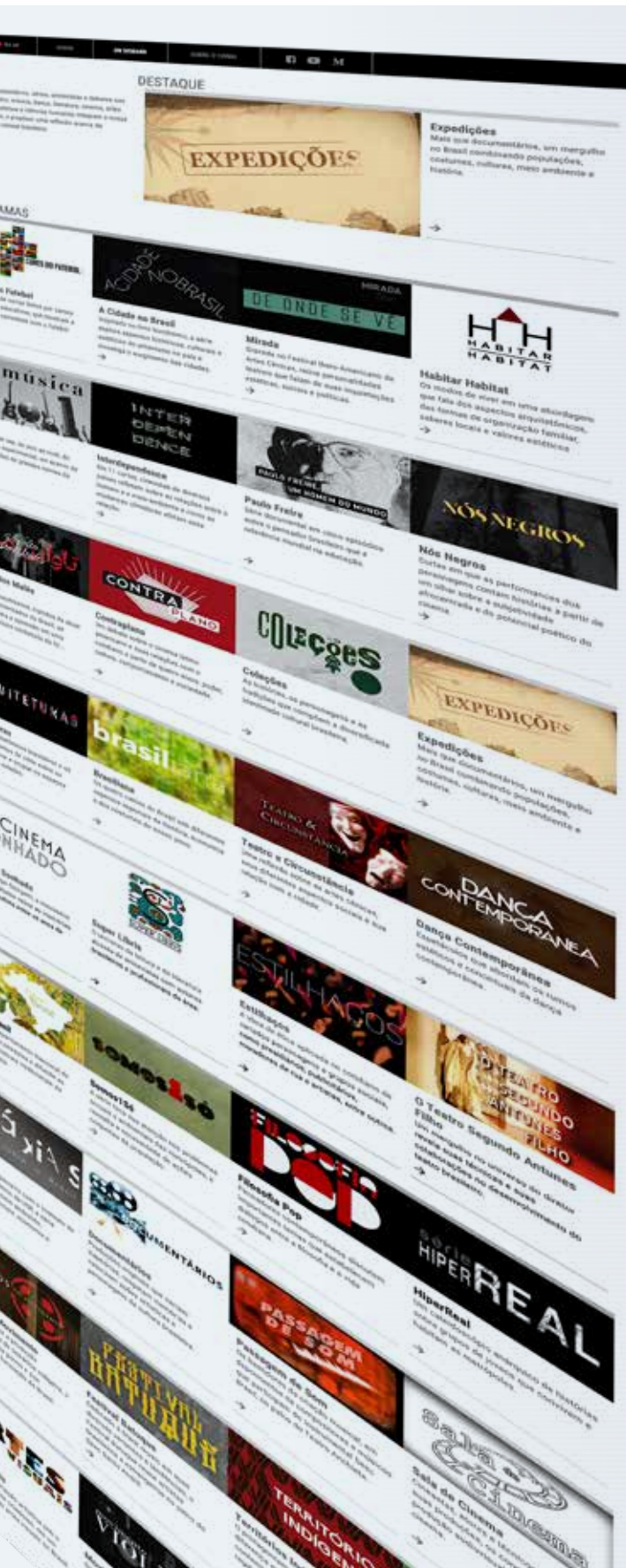
Mesmo que neste momento estejamos restritos ao nosso ambiente doméstico para contenção do novo coronavírus, isso não significa uma distância da fruição cultural. Por isso, no ambiente digital, o Sesc faz um convite: com ou sem pipoca, é possível assistir da televisão, do tablet ou do smartphone a uma programação de filmes, documentários, espetáculos de música e de dança, entrevistas e debates dos mais variados temas pelo SescTV.

"Sobretudo nos tempos atuais de isolamento físico, os conteúdos oferecidos a todos pelo SescTV possuem o potencial de estimular o diálogo reflexivo do público, por meio de uma programação variada que alia apreciação de espetáculos e promoção de debates. De certa forma, o SescTV leva um pouco da diversidade da programação do Sesc para tablets, celulares, computadores pessoais ou aparelhos de televisão", contextualiza Gilberto Paschoal, gerente do Sesc Digital.

Canal criado e mantido pelo Sesc desde 2006, o SescTV está disponível em operadoras de TV por assinatura de todo o Brasil, a exemplo da OiTV (canal 128). Também é possível acessar a programação pela internet, com uma grade linear de 24 horas, ou assistir pela plataforma de *streaming on demand*. Este último formato foi lançado em 2017 e hoje soma um acervo de aproximadamente 1.000 produções audiovisuais culturais e gratuitas, que prezam a diversidade.

"A partir da disponibilização de seu conteúdo *on demand*, de forma totalmente gratuita, o SescTV permite que mais interessados tenham acesso ao acervo do canal. É um excelente meio de democratização de conteúdos que abordam temas ligados à cultura, linguagens artísticas, arquitetura e urbanismo, educação, direitos humanos, entre outros aspectos fundamentais para a reflexão e para o conhecimento", complementa Paschoal.

Confira alguns destaques na grade linear de programação do canal SescTV ou assista aos conteúdos pela plataforma *streaming on demand*: [sesctv.org.br](http://sesctv.org.br).



Divulgação

## ESTREIAS DO MÊS



Capulanas Cia de Arte Negra / Foto: Camilla Alade

### CENA INQUIETA

#### Série documental

Nesta série dedicada ao teatro, mostra-se o processo criativo de grupos teatrais e de artistas da cena nacional que realizam trabalhos relevantes de experimentação de linguagem, ligados às questões de gênero, ao teatro negro e ao teatro de viés político e social. No primeiro episódio, a escritora e dramaturga Cidinha Silva contextualiza os conceitos e a trajetórias do Grupo Clariô de Teatro e Capulanas Cia. de Arte Negra, bem como suas contribuições e como está se desenvolvendo o teatro negro. (A série estará disponível *on demand* a partir de 20/5).

### VOLTA À TERRA

#### Documentário. Portugal, 2015

Nas montanhas do norte de Portugal, um pequeno vilarejo chamado UZ, com 49 moradores, sobrevive devido à imigração. O documentário, dirigido por João Pedro Plácido, acompanha esses habitantes durante as quatro estações do ano. Dentre eles, o jovem pastor Daniel, que ao entardecer sonha com os amores da vida. (A série estará disponível *on demand* a partir de 8/5).

Divulgação



Divulgação

### ENVELHECER

#### Série documental

Dirigida por Claudia Erthal e Paulo Markun, esta série de quatro episódios traz depoimentos que refletem sobre diversos âmbitos do processo de envelhecimento no século 21. O primeiro episódio aborda questões relacionadas aos apelos midiáticos referentes à velhice e aos problemas econômicos e desafios do enfrentamento dessa realidade. (A série estará disponível *on demand* a partir de 29/4).



Assista ao SescTV  
[www.sesctv.org.br](http://www.sesctv.org.br)



Agência O Globo

Tia Amélia, em imagem de 1959, no Rio de Janeiro





# Mãos que dançam

NA CADÊNCIA DOS DEDOS  
DE TIA AMÉLIA SE COMPÔS  
UM CAPÍTULO SEMINAL DA  
PRESENÇA DA MULHER  
NA MÚSICA BRASILEIRA

**A** escola de instrumentistas brasileiros é conhecida por virtuosos e pouco se sabe sobre as mulheres, com exceção da pianista Chiquinha Gonzaga (1847-1935). Junta-se a essa trupe Amélia Brandão Nery, a Tia Amélia, que já se destaca por ter nascido, em 1897, fora do eixo Rio-São Paulo, na cidade de Jaboatão dos Guararapes, na ensolarada Pernambuco, onde começou a carreira. Conduzida ao mundo da música pelo pai, clarinetista e violonista, maestro da banda de Jaboatão, veio o estudo do piano clássico e sua primeira composição, a valsa *Gratidão*, aos 12 anos de idade. Considerada sucessora da maestrina Chiquinha Gonzaga, a pianista pernambucana foi, no entanto, discípula de Ernesto Nazareth (1863-1934), que lhe incumbiu a não deixar “o choro morrer”.

## Mulheres em cena

Mesmo nascida muitos anos depois de Chiquinha Gonzaga, o contexto histórico vivido por Tia Amélia não abrandou as imposições de uma sociedade machista. Ambas compartilharam, além do talento, os preconceitos por não serem bem vistas, na época, mulheres atuantes no meio musical. Tanto que o casamento, aos 17 anos, afastou-a do desejo profissional. Contudo, jamais abandonou a sonoridade do piano e continuava a tocar em festas e para amigos. Além da dedicação à música, Amélia encontrou no estudo do folclore de Pernambuco outro campo de interesse. Obrigada a se mudar com o marido para uma fazenda, viveu com ele e três filhos até se tornar uma jovem viúva, aos 25 anos.

A violonista sete cordas do grupo *Trio que Chora*, Rosana Bergamasco, menciona a coragem das duas artistas para enfrentar essas restrições, cada uma a sua maneira: “Penso que, pela coragem e determinação de mulheres como Chiquinha Gonzaga e Tia Amélia, hoje podemos fazer nossas escolhas com mais liberdade. Vejo as novas gerações de mulheres instrumentistas conquistando cada vez mais o espaço que lhes é de direito.”

## Qual é a música?

A fatia histórica de Tia Amélia se encaixa nos *pianeiros*, assim chamados os instrumentistas profissionais que associavam a música ao contexto urbano das composições populares, presentes em salões entre o fim do século 19 e início do 20. Muitos trabalhavam em lojas de partituras, demonstrando aos clientes ali, na hora, qual a música escrita no papel. Caso surgisse interesse, a partitura seguia para seu novo dono. Os *pianeiros* revelavam a função social do instrumento, agregador das pessoas em bailes e, mais tarde, sessões de cinema. Tia Amélia teve papel importante nessa linhagem, ao projetar o piano para além do cenário pomposo dos recitais eruditos, fazendo emergir a face de entretenimento. E a popularidade se estendeu, futuramente, ao rádio e à televisão.

Para o musicólogo, jornalista e crítico musical Zuza Homem de Mello, a literatura exclusivamente pianística já foi mais farta que atualmente: “Os pianeiros tocavam nas salas de espera dos cinemas, e a alta burguesia não dispensava um piano na sala de visitas para que as *mademoiselles* embelezassem o ambiente com a sonoridade de seus saraus e até com exercícios para atingir tais momentos diante dos ▶

Arquivo Nirez

Amélia Brandão Nery em foto publicada na revista *Phono Arte*, 1930

# Damas do choro

MAIS TALENTOS PARA REVIGORAR SUA PLAYLIST

**R**osana Bergamasco, violonista sete cordas, e Marta Ozzetti, flautista, ambas do grupo *Trio que Chora*, recomendam compositoras e instrumentistas para você ouvir e se deixar embalar.

## Chiquinha Gonzaga (1847-1935)

Primeira pianista chorona, autora da primeira marchinha carnavalesca com letra e a primeira mulher a reger uma orquestra no Brasil. Foi fundamental para a definição da identidade musical do país no início do século 20.



Editoria de Arte

## Carolina Cardoso de Menezes (1913-1999)

Tornou-se referência por suas interpretações de choros e sambas ao piano, marcadas por uma linguagem virtuosística e riqueza rítmica, numa época em que a música brasileira estava em plena formação, sobretudo a música instrumental. Foi compositora de diversos ritmos, como choro, samba, samba-canção, coco, baião, marcha-rancho. Assim como Chiquinha e Tia Amélia, foi uma das precursoras da profissionalização das mulheres na música.



Editoria de Arte

## Luciana Rabello (1961)

Cavaquinista e compositora, é uma das pioneiras como profissional desse instrumento. Além disso, em parceria com Maurício Carrilho, fundou a Acari Records, primeira gravadora a se dedicar ao choro. Também com Carrilho fundou a Escola Portátil de Música, referência do choro mundo afora. Destaca-se pela importância na formação de músicos do gênero choro, bem como na edição de álbuns e partituras.



Roberto Maciel

## Daniela Spielmann (1970)

Saxofonista que atua em grupos de diversos gêneros musicais, com predominância para o choro, é uma solista profícua que está sempre abrindo portas e caminhos para que outras mulheres possam exercer essa profissão com maestria e dignidade.



Editoria de Arte



► convivas. Essa fotografia praticamente não existe mais e uma das mais eloquentes representantes de tal época é a pernambucana arretada Tia Amélia, nascida ao final do século 19, que no Rio de Janeiro era chamada de coqueluche dos cariocas”.

## O retorno

A morte do marido fez com que Amélia encontrasse no piano a profissão. Começou a tocar na Rádio Clube de Pernambuco. Sucesso na mira, embarcou para o Rio de Janeiro em 1929. Por lá, esteve nas rádios Mayrink Veiga, Sociedade e Rádio Clube do Brasil. Passou um curto tempo no Recife e, em 1933, excursionou com Silene, sua filha, que confirmou a tradição musical da família e cantava. Rumaram a países da América Latina e aos Estados Unidos, onde Amélia conquistou corações e ouvidos, apresentando-se em rádios locais de Nova York e Nova Orleans. Mas o casamento da filha, em 1939, provocou outra pausa na carreira. Amélia seguiu com Silene para Marília, interior de São Paulo.

Deixou a profissão em suspenso por anos, até encontrar a cantora Carmélia Alves, que, entusiasta de suas composições, a trouxe de volta. Logo era tocada em alto volume nas rádios Nacional, Record, Tupi. Mais tarde foi parar nas telinhas: TV Tupi, Paulista e TV Record de São Paulo. Em 1960 era pianista contratada da TV Tupi do Rio de Janeiro e o choro corria solto, como só ela sabia fazer. O último LP, *A Bênção, Tia Amélia*, foi gravado em 1980, três anos antes da morte da artista.

## Bem querida

Amélia era amiga de Vinicius de Moraes (1913-1980). A música *Meu Poeta* foi dedicada ao escritor, que, por sua vez, batizou a canção *Bordões ao Luar*. Vinicius também homenageou a compositora em 1953 com a crônica *A Bênção, Tia Amélia*, que faz parte do volume *Crônicas Musicais* (Azougue Editorial, 2008).

As duas composições estão no repertório escolhido pelo pianista e compositor Hercules Gomes, responsável por *Tia Amélia – Para Sempre* (Selo Sesc, 2019). No álbum (*leia boxe* No ritmo), Gomes promove uma visita cheia de harmonia ao repertório da pianista, cuja obra pesquisa desde 2014.

Como resultado, o instrumentista catalogou entre 60 e 70 composições da *planeira* que tem estilo próprio, fácil de ser identificado por quem já se apaixonou por seus timbres. “Ela desenvolveu um estilo de acompanhamento com a mão esquerda que é uma evolução de uma técnica usada por Ernesto Nazareth. Baseada em arpejos em moto-contínuo, esse tipo de técnica deixa a música com muito balanço!”, explica Gomes. “Ao mesmo tempo que imita a batucada de um pandeiro, cria linhas muito inteligentes de violão sete cordas.”

O especialista exalta ainda a escola de piano brasileira; porém, diz ser necessário jogar luz no método: “Não temos ainda um método consolidado para piano desse tipo de música, do choro. Por isso, é muito difícil dizer que o estilo dela [*Tia Amélia*] influencie novas gerações. As novas gerações ainda não a conhecem. Mas se depender do nosso trabalho isso vai mudar, e não vai demorar muito!” ■

## No ritmo

PIANO ENCORPADO  
DE HERCULES GOMES  
REVISITA OBRA  
DA INSTRUMENTISTA

**S**aracoteando, Chuvísco, Saudades Suas, Paulistano são algumas das 14 faixas do álbum *Tia Amélia – Para Sempre* (Selo Sesc, 2019), interpretadas pelo pianista capixaba Hercules Gomes, em visita harmoniosa ao repertório da compositora pernambucana. Tendo em sua base um intenso trabalho de pesquisa, o disco traz ainda um livreto informativo de 20 páginas. Na capa, a ilustração do rosto de Tia Amélia é de autoria de Alexandre Calderero. O álbum é um convite à audição, disponibilizado também em versão digital e em *streaming*.

Quem aprecia o choro encontra no Instrumental Sesc Brasil outras performances que seguem no ritmo deste gênero musical. Como a do quarteto de música instrumental *Fios de Choro* e *Cronologia do choro pela cronologia das Choronas* (foto), gravado no Teatro Anchieta do Sesc Consolação em fevereiro deste ano, marcando os 25 anos de carreira do primeiro grupo de choro feminino do Brasil. Para ver e ouvir, acesse [www.instrumentalsescbrasil.org.br](http://www.instrumentalsescbrasil.org.br).



Divulgação



Divulgação

# ODE À IMAGINAÇÃO

GUIADO PELO RIGOR ARTÍSTICO, DIRETOR E CENÓGRAFO GABRIEL VILLELA  
 COMBINA O LIRISMO DO CIRCO E A EXPRESSÃO DAS FESTAS  
 POPULARES EM ESPETÁCULOS SEMPRE RENOVADOS

“Gabriel-mago-metamorfoseador”. É assim que Rodrigo Audi, organizador, em parceria com Dib Carneiro Neto, do livro *Imaginai! O Teatro de Gabriel Villela* (Edições Sesc São Paulo, 2017), se refere ao diretor, cenógrafo e figurinista mineiro. O que revela tal metamorfose? A renovação, o retorno “ao barro de suas origens toda vez em que aponta para o futuro por meio de alguma nova obra”, explica Audi. “Imaginai!” é justamente o bordão do diretor que ecoa em cada criação e parceria. E são muitas: no currículo 42 peças – entre elas, *Romeu e Julieta*, em conjunto com o Grupo Galpão que chegou a ser encenada no The Globe, em Londres.

## CALDEIRÃO

De acordo com o crítico Macksen Luiz, os pilares de Villela são a “cultura do circo-teatro, o teatro popular e o circo mineiro”. Os diversos elementos reverberam na obra teatral, mas também puderam ser vistos em formato televisivo no especial *A Paixão segundo Ouro Preto* (2001, TV Globo). A obra é uma adaptação de Villela e Geraldo Carneiro da peça *A Rua da Amargura – 14 Passos Lacrimosos sobre a Vida de Jesus* (1994, Grupo Galpão), baseada no texto de teatro circense *O Mártir do Calvário* (Eduardo Garrido) e em festas e canções populares mineiras.

Villela também tem na sua trajetória a experiência como diretor artístico de importantes espaços cênicos do Rio de Janeiro e de São Paulo, como o Teatro Glória (RJ), de 1997 a 1999; e o TBC (SP), de 2000 a 2001. Ele personifica o encontro entre qualidades artísticas e técnicas, dando asas à

imaginação, mas, ao mesmo tempo, mantendo os pés no palco. “Quando está montando uma nova cena, fica tomado de um brilho que ilumina a todos. No dia seguinte, pode querer mudar tudo, mas, naquela hora de materializar e corporificar suas ideias, não demonstra nem um segundo sequer de insegurança”, relata Dib Carneiro. De Villela, nem o lanche da equipe escapa. Ele é do tipo que fiscaliza o cardápio do elenco, checka o material de divulgação da imprensa, faz corpo a corpo com os responsáveis pelos teatros onde seus espetáculos são encenados. “Cerca-se de gente competente, mas fica de olho em tudo, sem perder o foco de seu rigor artístico. Isso é ter controle sobre a própria obra, o resto é ■

BAIXE NOSSO APP E  
 VEJA MAIS IMAGENS



## BAÚ DE MEMÓRIAS

*Publicação compila grandes momentos da carreira do encenador*

*Imaginai! O Teatro de Gabriel Villela* (Edições Sesc São Paulo, 2017), organizado por Dib Carneiro Neto e Rodrigo Audi, compila os grandes momentos profissionais do diretor teatral Gabriel Villela. Nas 370 páginas, mais de trinta anos de história contados por meio de fotos de espetáculos teatrais, shows e óperas, textos analíticos de críticos e depoimentos de artistas e parceiros que acompanham a trajetória de Villela. Para completar, há comentários do próprio diretor, que abre seu baú de memórias sobre cada trabalho, bastidores e parcerias criativas.



Lenisa Pinheiro

*Vem Buscar-me que  
Ainda Sou Teu (1990)*  
Alvaro Gomes,  
Claudio Fontana  
e Laura Cardoso



*O Mambembe* (1996)  
Fabio Saltini



*O Sonho* (1996)  
André Actis,  
Fafá Menezes e  
Sue Ribeiro



*Ventania* (1996)  
Alexandre Schumacher e  
Sílvia Buarque





Lenise Pinheiro

*Ópera do Malandro* (2000)  
Marcello Boffat e Roberto Rocha



*Os Saltimbancos* (2001)  
Retratados não identificáveis

Antonio Alves



Paulo Lacerda

*Sonho de uma Noite de Verão –  
Fragmentos Amorosos (2002)*  
Lair Assis e Lina Lapertosa



*Hécuba* (2011)  
Fernando Neves e  
Walderez de Barros

João Caldas Filho



*Macbeth* (2012)  
Claudio Fontana

João Caldas Filho



Guto Moniz

*Os Gigantes da Montanha* (2013)  
Beto Franco e Simone Ordones,  
(atores mascarados não identificáveis)





Márcia Lessa

*Quarteto/Relações Perigosas* (2003)  
António Reis e Júlio Cardoso



*Quarteto/  
Relações  
Perigosas*  
(2003)  
António Reis

Márcia Lessa



*Um Réquiem para  
Antonio* (2014)  
Nábia Villela

João Caldas Filho



João Caldas Filho

*Rainhas do Orinoco* (2016)  
Walderez De Barros

MARIS



João Caldas Filho





*A Tempestade* (2015)

Celso Frateschi, Chico Carvalho, Dagoberto Feliz,  
Felipe Brum, Leonardo Ventura, Marco Furlan,  
Rodrigo Audi, Rogério Romera e Romis Ferreira



# Movimente-se **JÁ!**

PRATICAR ATIVIDADE FÍSICA EM CASA  
PROPICIA BENEFÍCIOS AO CORPO E  
À MENTE NESTE MOMENTO DE RECLUSÃO

O provérbio latino “*mens sana in corpore sano*”, traduzido em português como “mente sã num corpo sã” percorre séculos da história da humanidade como uma das mais importantes recomendações à saúde. Afinal, corpo e mente em equilíbrio promovem inúmeros benefícios a homens e mulheres de todas as idades, principalmente no atual contexto de isolamento social para a contenção do novo coronavírus. Movimentar o corpo não só reduz o risco de hipertensão, doenças cardíacas, acidente vascular cerebral e diabetes, como promove uma série de vantagens.

“Outro exemplo é o fortalecimento do sistema imunológico. Durante o exercício, nosso organismo aumenta as respostas anti-inflamatórias, diminuindo a ocorrência de infecções”, destaca o educador de atividades físico-esportivas do Sesc Belenzinho Wilker Ramos Veiga, especialista em fisiologia do exercício pela Escola Paulista de Medicina.

Além disso, a atividade física fortalece ossos e músculos, reduz a ansiedade e o estresse, melhorando nossa disposição. “Por isso a importância de incluir a atividade física nesse momento”, pondera Wilker. “Afinal, se estamos em casa o dia inteiro, por muitas semanas, a tendência é ficar mais tempo sentados assistindo televisão ou se entretendo com o celular. Tudo isso diminui nossa qualidade de vida.”

Jazz, Laís Delbuque,  
Sesc Bom Retiro

Ginástica multifuncional,  
Lucas Akira, Sesc Campinas



## DEVAGAR E SEMPRE

Como a prática deve ser realizada em casa, este não é o local ou momento de desafiar os limites do corpo, mas fazer a manutenção do seu condicionamento físico. Até mesmo porque, acrescenta o educador de atividades físico-esportivas do Sesc São Carlos Leonardo Bassi, é preciso impedir possíveis lesões. “Antes da prática, aqueça o corpo de forma leve para que ele se prepare para o exercício, escolha um lugar adequado para que você possa se movimentar com segurança, e evite exercícios complexos que você não se sinta seguro para realizar”, recomenda.

Quanto à periodicidade, a Organização Mundial da Saúde (OMS) recomenda 150 minutos semanais de atividade física – algo equivalente a 20 minutos por dia. No entanto, já que a cobrança por produtividade neste período de reclusão é, muitas vezes, pesada pelo trabalho, pela família e internamente, pratique a flexibilidade. “O importante é você se sentir bem com a atividade e tirar algum momento do seu dia para se movimentar e se sentir bem com isso”, orienta Victoria Guglielmo de Souza, educadora de atividades físico-esportivas do Sesc Vila Mariana. ■

Alongamento,  
Gabriela Rodrigues,  
Sesc Bertioga



## Xô, desânimo

APRENDA A NÃO DEIXAR  
A PETECA CAIR NESSA  
QUARENTENA

Confira algumas dicas da educadora de atividades físico-esportivas do Sesc Bertioga Gabriela Rodrigues Alves para manter o corpo em movimento no ambiente doméstico.

- 1 Coloque a roupa de treino, a meia e o tênis. Seu cérebro já vai entender que você está se preparando para o movimento;
- 2 Escute uma música que te motive. Não subestime o poder da música: ela vai te animar e te ajudar a começar;
- 3 Pare por uns minutos, faça algumas respirações e dedique-se a cuidar da sua saúde;
- 4 Busque atividades que você curta e tenha afinidade. Procure fazer aquilo que você já sabe e gosta;
- 5 Conscientize-se: leia matérias sobre a importância da atividade física nesse momento, assista a vídeos sobre o assunto e saiba qual a importância e as consequências no seu corpo físico e emocional;
- 6 Siga perfis de profissionais da saúde, relacionados à atividade física, nas redes sociais. Ver o outro fazendo nos dá vontade e motivação para querer fazer também.

# Ativo e em casa

DIFERENTES AÇÕES NO AMBIENTE DIGITAL DIVULGAM ATIVIDADES FÍSICAS E ESPORTIVAS PARA TODAS AS IDADES E GOSTOS



Ginástica multifuncional, Janaina Lopes, Sesc Pinheiros

Neste mês, o Sesc São Paulo realiza a 26ª edição do Dia do Desafio, campanha mundial que busca estimular e reunir o maior número de pessoas praticando atividades físico-esportivas visando à saúde e qualidade de vida. Ao longo dos últimos 25 anos, essa iniciativa coordenada mundialmente pela The Association For International Sport for All (Tafisa), e no continente americano, pelo Sesc São Paulo, com apoio institucional da International Sport and Culture Association (Isca) e da Unesco, consolidou-se como um dos mais importantes movimentos comunitários de combate ao sedentarismo.

Devido ao cenário global da pandemia, o Dia do Desafio acontecerá no dia 27 de maio no ambiente digital, conectando cidades, instituições e pessoas. O site e as redes sociais oficiais do Dia do Desafio serão plataformas para difusão de boas práticas por meio da hashtag #DiadoDesafio.

Esse incentivo às atividades físicas também se estende, neste período de Covid-19, a dicas e práticas compartilhadas nas redes sociais das unidades do Sesc de todo o estado. E, para reforçar essa ação, é possível acompanhar pelo perfil @esportesescsp, no Instagram, uma série de aulas preparada por educadores e educadoras do Sesc. Desde ginástica e práticas como Yoga e Tai Chi Chuan, até adaptações de treinos esportivos e de lutas. Cada vídeo tem uma orientação sobre o nível de intensidade da atividade e para quem ela é proposta. E se quiser incentivar mais pessoas a se juntar às aulas, compartilhe nas redes sociais a hashtag #EmCasaComSesc e marque o perfil @esportesescsp.



Basquete, Erich Engelhart Lentini, Sesc Ipiranga




Yoga, Roberta Melo Alves, Sesc Santos

# OS GAMES E A SOCIEDADE

Imagens: Editora de Arte

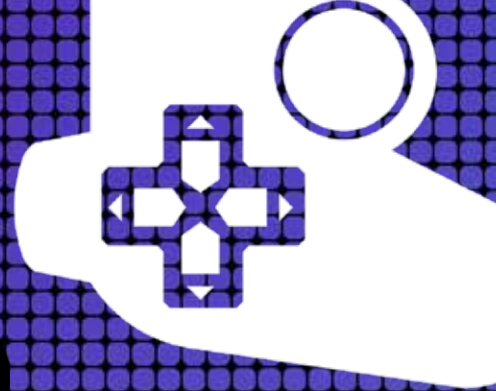




**N**os anos 1980, muitos pais e mães tiveram que apartar conflitos por causa de um *joystick*. “Meia hora para um e meia hora para o outro em frente ao videogame. E não se fala mais nisso.” A recreação da garotada vinha em forma de perseguições, naves espaciais, corridas e outras aventuras que iam somando pontos e descontando “vidas” do personagem central. De lá para cá, os games ganharam outros contornos. “Atualmente, ao menos uma parcela desses jogos tenta expressar algo além do desafio de chegar ao final, ou a competição por ele proposta. Muitos se propõem a passar algo mais, visto que apresentam cenários, histórias e narrativas das mais diversas, tentam atingir o público, chocar, emocionar, alegrar e fazer pensar”, afirma o psicanalista Thomas Kehl, que estuda o tema jogos e espaço lúdico no cotidiano adulto. Há, no entanto, uma herança dos videogames que ressoa sobre diversas ferramentas digitais contemporâneas. Basta observar a competição por “curtidas” e seguidores nas redes sociais. Ou a lógica de aplicativos do smartphone ao premiar com descontos e vantagens os clientes que responderem enquetes ou que adivinharem charadas. Na prática, muitas dessas plataformas estão usando a linguagem dos games para orientar a forma como consumimos e nos relacionamos. “Sendo tratados como coisa de criança por anos a fio, os jogos tomaram conta dos hoje indispensáveis smartphones sem que a sociedade prestasse atenção. Superando desconfianças, passaram a ser onipresentes em celulares. Mais importante, sua influência atinge os principais aplicativos de celulares, aqueles que hoje os indivíduos usam para trabalhar, comunicar, aprender, movimentar, deslocar, exercitar...”, observa o jornalista especializado em tecnologia e arte João Varella, autor de *Videogame, a Evolução da Arte* (Lote 42). Nem vilões, nem heróis: o que de fato são e representam os games na contemporaneidade e qual influência exercem sobre a sociedade?

# COMO OS GAMES AJUDARAM A MOLDAR A VIDA CONTEMPORÂNEA

JOÃO VARELLA



**A** América teve problemas em entender o que é videogame. A ganância de um conglomerado de mídia causou uma debacle no começo dos anos 1980. Essa mídia seria resgatada em 1985 pela japonesa *Nintendo*, que trouxe para este lado do globo o NES. Para não espantar pais e mercado, jurava de pé junto que o aparelho que ela vendia, capaz de gerar experiências interativas com o televisor, era um brinquedo.

Sendo tratados como coisa de criança por anos a fio, os jogos tomaram conta dos hoje indispensáveis smartphones sem que a sociedade prestasse atenção. Superando desconfianças, os jogos passaram a ser onipresentes em celulares. Mais importante, sua influência atinge os principais aplicativos de celulares, aqueles que hoje os indivíduos usam para trabalhar, comunicar, aprender, movimentar, deslocar, exercitar... A lista de verbos é tão extensa que me atrevo a usar vocábulo mais ousado: viver.

Quando foram digitalizados, os jogos colocaram uma interface para o homem jogar consigo e mensurar seu próprio desempenho. A pontuação que as redes sociais dão em forma de curtidas, compartilhamentos, comentários é um tipo de *feedback* importado dos videogames. É o centro de sua estratégia de sedução. O espírito do russo Ivan Petrovich Pavlov (1849-1936) oferece um delicioso biscoito para cada usuário buscando o fim do *scroll* infinito do *feed* do Instagram.

## PONTO A PONTO

Antes dos videogames, os jogos já davam um retorno aos participantes. Quando um gol é marcado, muda a contagem do placar; uma bola de sinuca encaçapada some da mesa, assim como as peças comidas em um tabuleiro de xadrez ou damas. Porém, os videogames temperaram vaidade no resultado do jogo.

O escore máximo de uma cabine do fliperama *Space Invaders*, lançado pela japonesa *Taito* em 1978, ficava exposto na tela, diante dos olhos de quem viesse a experimentar a máquina depois. Ou seja, a pontuação de quem mais havia derrotado alienígenas voadores ficava gravada na tela até que a máquina fosse desligada (o que costumava acontecer no final do dia). Esse conceito evoluiria para mostrar mais placares e até os autores das façanhas. Em jogos como *Asteroids* (1979) e *Cadillacs and Dinosaurs* (1993), era permitido aos jogadores que colocassem três letras para identificar quem havia realizado o feito.

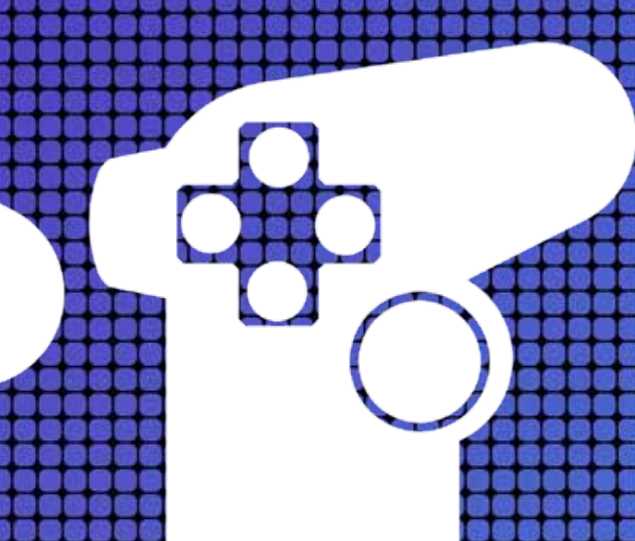
Por mais exógeno que seja, a pontuação foi exportada aos consoles. A transição das máquinas de ficha para os aparelhos caseiros lembra o que aconteceu com as primeiras produções depois de Gutenberg: para não espantar o público acostumado a ler livros manuscritos, os impressores usavam fontes que simulavam ter sido feitas manualmente.

Formulações como “vidas” (o número de chances que o jogador tinha antes de perder a partida) faziam sentido no fliperama, que era operado por moedas engolidas quando o jogador era derrotado. Para os consoles, onde os jogos são comprados por um preço que independe do desempenho do usuário, é estranho.

A pontuação foi gradativamente sendo abandonada nos jogos, que encontraram outras formas de manter a atenção e estimular os participantes. A exibição de cenas que fazem a narrativa avançar (as chamadas, no jargão, *cutscenes*) foi um dos novos benefícios por superar certos obstáculos. O jogo de zumbis *Resident Evil 4* só exhibe para o jogador uma fala do pirata de baixa estatura Ramon Salazar depois de sobrepujar uma quantidade de inimigos e resolver alguns enigmas, por exemplo.







## A PONTUAÇÃO QUE AS REDES SOCIAIS DÃO EM FORMA DE CURTIDAS, COMPARTILHAMENTOS, COMENTÁRIOS É UM TIPO DE FEEDBACK IMPORTADO DOS VIDEOGAMES. É O CENTRO DE SUA ESTRATÉGIA DE SEDUÇÃO



### CURTIDAS E SEGUIDORES


A velha lógica de pontuação virtual dos games volta com força total nas redes sociais. Há um placar para a quantidade de seguidores, número exibido geralmente na tela principal dos perfis, explicitando assim o autor do feito. Agora a admiração das pessoas é mensurável, matemática. A cantora Ivete Sangalo é seguida por 16,6 milhões no Twitter, sendo assim, portanto, mais famosa que o colega Humberto Gessinger, que tem cerca de 162 mil seguidores.

Essa base influencia diretamente no contador mais importante das redes sociais, as reações aos *posts*. Digamos que uma *selfie* de um usuário com mil seguidores obtenha dez curtidas. Se tivesse mais seguidores, provavelmente obteria um resultado maior – afinal, mais pessoas seriam expostas ao conteúdo. Se tivesse tirado a foto de outro jeito (talvez de outro ângulo ou com um boné) faria mais pontos? O *feedback* direciona o comportamento nas redes.

As plataformas estão imersas em uma lógica comercial. Quanto mais tempo o usuário de Facebook fica dentro das diversas redes da empresa, mais anúncios vai ver, mais a empresa vai faturar. Uma forma de mensurar se o conteúdo postado é bom ou não, se merece ser mais disseminado nas redes para, no final das contas, gerar mais dinheiro, é pela quantidade de interações.

### FAKE NEWS

Há uma brecha importante nessa lógica. As reações podem não ser em sinal de aprovação ao conteúdo. As pessoas respondem quando são mais provocadas, quando se deparam com casos extremos. Chegamos a partir dessas questões de ordem mecânica, de regras e limites, a um ambiente intoxicado pelo que se costumou chamar de *fake news*. Há quem aproveite que todos são consumidores e criadores de conteúdo, com



potencial para ser até classificado como meio de comunicação de massa (a depender da quantidade de seguidores).

Os criadores de notícias falsas conseguem espalhar seu conteúdo com isso. Mesmo que uma pessoa reaja para apontar que os fatos estão deturpados, já conta como uma reação. Essa brecha faz parte da cultura dos videogames há muito tempo. Os jogadores chamam de *cheese* quando encontram um desbalanço que proporciona uma facilidade para a obtenção do objetivo.

Mas as plataformas das redes sociais costumam demorar para consertar esses problemas. E o *cheese* foi detectado pelo marketing eleitoral, criando uma geração de políticos que abusou dessa lógica para vencer eleições. Como sintetiza o documentário *Privacidade hackeada* (cujo título original parece mais feliz, *The Great Hack*), a empresa Cambridge Analytica explorou um terreno até então desregulamentado da propaganda política. A operação dessa companhia é antes amoral do que ilegal.

A questão eleitoral é apenas uma de inúmeras. Empresas de diversos segmentos também se aproveitam de gretas no sistema. Se tivéssemos prestado um pouco mais de atenção no pensamento por trás dos games, teríamos prevenido esses movimentos? Se tivéssemos jogado mais *Super Mario Bros*, teríamos extinguido a pobreza extrema do planeta? *Doom* ajuda na distribuição de renda? Claro que não. Longe de mim querer apontar uma panaceia tola por meio de videogames. É só um alerta para prestarmos mais atenção nessa relevante expressividade humana. ■

**JOÃO VARELLA** é jornalista especializado em tecnologia e economia, autor de *Videogame, a Evolução da Arte* (Lote 42); fundador da editora Lote 42 e das livrarias Sala Tatuí e Banca Tatuí, na capital paulista.

# OS JOGOS DE SEU TEMPO E O TEMPO DE SEUS JOGOS

THOMAS KEHL

**E**m 2020, quem não sabe o que é um videogame? Quando se olha para uma criança, jovem ou adulto em frente a um, o que se vê? Aos olhos de desatentos e/ou desinteressados, os jogos de videogame expressam não mais que um entretenimento infantil, tantas vezes na mão de adultos, e é recorrente ouvir que é um passatempo sem valor, um vício infantil.

No entanto, para quem parar e prestar atenção, será possível perceber que ao menos uma parcela desses jogos tenta expressar algo além do desafio de chegar ao final, ou a competição por eles proposta. Muitos se propõem a passar algo mais, visto que apresentam cenários, histórias e narrativas das mais diversas, tentam atingir o público, chocar, emocionar, alegrar e fazer pensar, tal como tantos outros meios de comunicação social, embora diferentes dos que estamos acostumados, como a TV, revistas, rádio e cinema, por convidar o jogador a “viver” essas histórias, esses personagens.

E claro, como toda obra é datada, ela fala de seu tempo, tal como Hercule Poirot, de Agatha Christie, ou Brás Cubas, de Machado de Assis, falam de seus. Passam até involuntariamente nas entrelinhas as mudanças na sociedade, necessidades, dúvidas e anseios.

Para começar a pensar no tema, olhemos para o que podemos ter ao alcance, pegando alguns exemplos das relações da sociedade com as narrativas de alguns jogos. Entrando então na tangente da expectativa de um grande lançamento para 2020, temos *Final Fantasy VII Remake*, mas, no caso, a discussão é de seu predecessor, o *Final Fantasy VII*, lançado em 1997, que toma como narrativa inicial uma cidade imersa em desigualdades sociais e poluição, com a discrepância de uma classe que vive em guetos na forma de bairros inteiros embaixo da estrutura de uma cidade que se mostra majestosa aos mais ricos.

Nesse cenário, um grupo ecoterrorista luta pelo fim da exploração irrefreada de um recurso desse planeta (no caso, desvinculado de nossos recursos naturais, sendo este um componente mágico do planeta),

e é nesse contexto que o jogador começa a história. Começo por ele, pois justamente no fim dos anos 1980 e nos anos 1990 o ambientalismo foi uma discussão cada vez mais preocupante para o mundo, tendo como exemplo a Rio-92 e culminando no protocolo de Quioto, realizado no mesmo ano do lançamento do jogo.


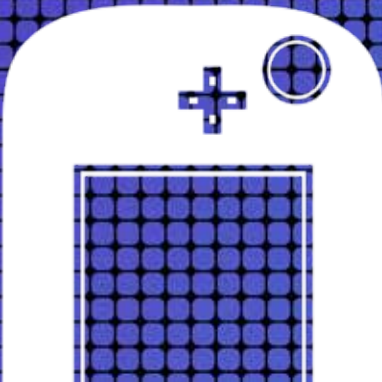
O jogo, então, é uma faceta de uma preocupação que começa a tomar as pessoas, sendo dita de modo indireto e muito lúdico. Afinal, é difícil dizer que alguém tenha fechado o jogo e se filiado a um grupo ecológico, mas talvez muitos o tenham comprado e jogado por se sentirem representados no discurso, o que levanta uma curiosidade sobre como a discussão no jogo a ser lançado pode ter mudado, já que se passaram mais de 20 anos (e estamos em um outro momento da discussão ambiental).

## CENÁRIOS E TEMAS

Seguindo os exemplos, entremos em uma categoria que rende milhões não só à indústria dos jogos, mas também à do cinema, que é o tema da guerra. Refletindo uma virada de milênio tomada por guerras, como a do Iraque, Afeganistão, entre outras, e acompanhando uma tendência do cinema (*O Resgate do Soldado Ryan* e *Falcão Negro em Perigo*), existe uma vasta gama de jogos que apresentam a guerra de modo enaltecido e despersonalizado, como *Call of Duty* ou *Battlefield*, que colocam o jogador nos olhos de um soldado com um objetivo simples de eliminar o máximo de soldados inimigos possível.

No entanto, na última década, acompanhando o desgaste do discurso bélico, as narrativas foram mudando, tentando expressar o sofrimento dos soldados e em alguns jogos expressam o sofrimento de quem nem está lutando a guerra, mas que sofre em decorrência dela. É o caso de *This War of Mine*, que coloca o jogador controlando cidadãos em meio a uma guerra civil e que precisam sobreviver até o cessar-fogo.





## PARA QUEM PARAR E PRESTAR ATENÇÃO, SERÁ POSSÍVEL PERCEBER QUE AO MENOS UMA PARCELA DESSES JOGOS TENTA EXPRESSAR ALGO ALÉM DO DESAFIO DE CHEGAR AO FINAL, OU A COMPETIÇÃO POR ELES PROPOSTA

Ou *Salaam*, que ainda será lançado e que fala da trajetória de refugiados fugindo de uma guerra civil.

Iniciativas que tentam conscientizar os jogadores das dores que acompanham a guerra, como esclarecido pelos próprios desenvolvedores. E com uma menção importante: ambos os jogos têm iniciativas sociais em que parte do dinheiro gasto no jogo é destinado a causas que apoiam pessoas atingidas pela guerra.

### PAPEL FEMININO

Um outro ponto que vem sendo discutido e apontado em diversas mídias e que tem uma transição vital nos jogos é o papel do feminino, pois este acompanhou em paralelo a transição da figura feminina na hegemonia dos filmes de ação hollywoodianos. Se nos anos 1990 o papel majoritário da mulher era de uma donzela em perigo, com um possível desenlace amoroso para o herói, como em tantos filmes à la *Indiana Jones*, nos jogos temos talvez como maior exemplo o da princesa Peach, na franquia do *Mario*, em meados dos anos 2000, que iniciou um espaço do protagonismo delas.

Porém, esse protagonismo veio com um custo alto em troca, pois não interessava ao público qualquer mulher, mas sim uma intensa sexualização dessa figura, como no exemplo da Lara Croft, da franquia *Tomb Raider*, como apontado pela professora Aline Conceição Job da Silva, no canal *Cult de Cultura* no YouTube. No entanto, a questão da mulher, como sabemos, não parou aí. Assim, acompanhando as discussões pelo mundo e a cada vez maior presença do protagonismo e força das mulheres nos mais diversos setores, a tendência nos jogos nos últimos anos fala justamente de repensar esse espaço da mulher.

Garantindo-lhes um protagonismo humanizado, descentralizando a questão da sensualidade, garantindo papéis fortes, mas com um viés de serem muitas vezes usadas como catalisadores para demonstrar conflitos emocionais e de uma sensibilidade que os produtores dificilmente conseguem passar nos personagens masculinos. E em uma boa amostra disso podemos ver

no jogo *Life is Strange* e nos jogos recentes de *Tomb Raider*.

No site Garotas Geeks, um coletivo de mulheres que discutem questões da cultura contemporânea, a autora Laura Ribeiro faz uma análise da protagonista do *Remember Me*, em que ela é descrita como “uma mulher forte e com personalidade distante dos estereótipos chatos que costumam construir para personagens femininas em jogos”. Essa é uma pequena amostra de jogos que acompanham as mudanças do mundo, falam dele da mesma maneira que são feitos dele, amadurecem com ele, não só para ganhar um mercado, mas por possuírem potencial em tocar cada vez mais pessoas.

### PARA BRINCAR

Em meu trabalho no consultório, não é de um ou dois pacientes que ouço o desconforto em falar do prazer em jogar ou de algo que viu em um jogo e que interessou, temendo ser visto como algo infantilizado, uma síndrome de Peter Pan ou uma marca de vício.

E isso abre dois pontos a serem considerados. Um deles é o brincar, que é inerente ao humano. A competição e o devaneio fazem parte do universo humano, da criança ao idoso. Brincar e jogar são tão presentes e tão velados ao mundo infantil, mas não são exclusivos dele.

Nós gostamos de rir, competir, brincar e jogar e a culpabilização do videogame é um tema que precisa ser aprofundado. É justamente esse jogar que vai com os anos tomando novos contornos, pois em apenas uma fração que pegamos agora é possível ver que existe um universo que vai muito além da criança, mostrando marcas do mundo, levantando discussões e até formando opiniões. ■

**THOMAS KEHL**, psicanalista com base em Freud e Lacan, graduado em Psicologia pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), estuda o tema de jogos e o espaço lúdico no cotidiano adulto; integrante do Laboratório de Análise em Jogos Eletrônicos (Laje).

# O valor do conhecimento

O REITOR DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
DEFENDE O ENSINO SUPERIOR COM CURRÍCULO MAIS  
FLEXÍVEL, AUTONOMIA E LIBERDADE ACADÊMICA

**S**e a história do Brasil data de pouco mais de 500 anos, a origem dos cursos de formação no Brasil também é recente. Foi em 1808 que Dom João VI fundou a primeira instituição de ensino superior, a Escola de Cirurgia, que veio a se tornar a Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia. De lá para cá, esse número vem se multiplicando. Segundo o último Censo de Educação Superior, no Brasil há mais de 2,3 mil instituições de ensino superior públicas e privadas. Parte delas entra no rol das universidades, que têm garantidas pela Constituição Federal autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecem ao “princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”. Na prática, como as universidades públicas vêm atuando hoje? E quais desafios encontram pela frente? Físico, professor, editor-chefe da revista *Ciência e Cultura*, da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência), e atual reitor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Marcelo Knobel comenta sobre o tema.

## QUADRO COMPLEXO

O cenário da educação superior brasileira é bastante delicado e complexo. No Brasil, pouco menos de 20% dos jovens entre 18 e 24 anos estão nas universidades. Há lacunas que os impedem de entrar no ensino superior. No Pisa [*Programa Internacional de Avaliação de Alunos, uma rede mundial de avaliação de desempenho escolar*], com jovens de 15 a 20 anos, o Brasil está entre as últimas posições. Isso todos nós já sabemos. O que a gente não sabe é que, no país, 40% dos jovens que fazem o Pisa tiram nota zero. O que isso significa? Vou dar um exemplo de uma questão básica no Pisa: “Se um dólar vale hoje cinco reais, e eu tenho cinco dólares, quantos reais eu tenho?”. Essa é uma pergunta típica de Matemática, uma regra de três, a que 40% dos nossos jovens não conseguem responder. Além disso, menos de 1% tira nota 5 ou 6, consideradas notas mínimas para poder acompanhar um curso de ensino superior. Ou seja, temos aí o problema da qualidade desde o ensino fundamental para o acesso às universidades. Outro problema é a desigualdade. Muitas vagas das universidades públicas, até recentemente,

## MARCELO KNOBEL

esteve presente na reunião do Conselho Editorial da *Revista E* no dia 12 de março de 2020.

eram preenchidas por pessoas mais ricas, com condições de fazer um cursinho, por exemplo. Essa situação está mudando com o sistema de inclusão social e de cotas étnico-raciais implantadas nas universidades, a fim de buscar uma equidade cada vez maior.

#### CURRÍCULO E MOBILIDADE

No Brasil, temos um sistema de currículos engessado, mal estruturado e muito conteudista. Para um engenheiro se formar, ele passa cinco anos dentro de sala de aula sem a possibilidade de realizar atividades extracurriculares, tão fundamentais para a formação. Além disso, há outra questão: não é justo alguém com 17 anos ter que escolher a profissão para o resto da vida. A chance de errar é imensa, e isso acontece no mundo inteiro. Mas não temos uma flexibilidade na universidade brasileira. Não existem, por exemplo, cursos como nos Estados Unidos, o “*Liberal Arts College*”, de formação geral. Hoje esse papel é preenchido por cursos de Direito, de Administração, por exemplo. Quando as pessoas não sabem o que fazer, elas os escolhem. Depois de ingressar é difícil mudar de curso e o aluno precisa voltar à estaca zero, sem aproveitar disciplinas. Então, além de um currículo engessado, há pouca mobilidade.

#### FOMENTO À CULTURA

Ajudei, na Unicamp, na concepção e criação do programa *Aluno-Artista*, para o qual temos um edital semestral e convidamos os alunos da universidade, não só da área de artes, a enviar projetos que serão financiados com bolsas. Projetos de teatro, cinema, grafite, entre outros. A única contrapartida é que apresentem os projetos para a comunidade universitária. Com esse projeto temos uma parceria com o Sesc Campinas, onde são apresentados os trabalhos realizados pelos alunos. Na Unicamp há uma visão de que é por meio da cultura que a gente pode ter uma formação acadêmica ainda mais forte. A pessoa tem que ter essa dimensão cultural muito bem estabelecida. Isso é algo que falta muito nas famílias brasileiras, de modo geral. Há poucos espaços, há poucos equipamentos culturais e as universidades também realizam essa formação.

#### PESQUISA EM XEQUE

Há dois pilares fundamentais para qualquer universidade: autonomia e liberdade acadêmica. Sem esses pilares não existem boas universidades. Temos

que lutar para manter esses pilares firmes. Além dos ataques recentes a esses valores, temos tido também uma diminuição significativa no financiamento à pesquisa. Um exemplo: a última notícia da Capes [*Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, fundação do Ministério da Educação para expansão e consolidação de mestrado e doutorado no país*] é que vão redistribuir as bolsas de mestrado e doutorado mediante o IDH [*Índice de Desenvolvimento Humano*] das cidades onde as universidades estão localizadas. Só que as boas universidades de pesquisa estão, muitas vezes, em cidades com o IDH mais alto porque, provavelmente, conquistaram esse IDH justamente por causa das universidades. Na hora de pensar uma política pública, é necessário pensar em todas as consequências. Vivemos um momento bastante preocupante na história da pesquisa no país e isso é algo que tem sido repetido pelos reitores, pelas sociedades científicas, por todos os integrantes dessa comunidade. Insisto que a comunicação é fundamental para que a sociedade apoie mais a ciência, a tecnologia e a inovação. Por exemplo, pergunte na rua: O que é Capes? Ou, o que é CNPq [*Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, fundação pública vinculada ao Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações, que tem como atribuição fomentar a pesquisa científica, tecnológica e de inovação*]? Poucos saberão responder, infelizmente...

A GENTE  
PRECISA DE UMA  
CONEXÃO MAIS  
DIRETA COM A  
SOCIEDADE PARA  
MOSTRAR A  
IMPORTÂNCIA DA  
UNIVERSIDADE

#### OPINIÃO PÚBLICA

Temos uma dificuldade intrínseca na comunicação. Do ponto de vista das universidades, a gente não consegue hoje falar a linguagem do público jovem e da sociedade de maneira geral. A gente tem sofrido, como universidade pública, ataques sem precedentes, e esses ataques não vêm gratuitamente, eles respondem a uma parcela considerável hoje em dia da sociedade que não tem ideia do que a gente faz. Por mais que a gente se esforce, não estamos conseguindo comunicar adequadamente a importância das universidades públicas para o futuro do país. Então, estamos tentando mudar e entender um pouco mais essa linguagem. Talvez estejamos muito encapsulados na nossa realidade, na nossa bolha – como isso costuma ser dito –, e a gente não percebe a realidade de fora. A gente precisa de uma conexão mais direta com a sociedade para mostrar a importância da universidade. ■

# Da vanguarda ao rock

LENDA DA MÚSICA DESAFIA RÓTULOS

HÁ MAIS DE 50 ANOS E SEGUE

INFLUENCIANDO ARTISTAS

DE VÁRIAS GERAÇÕES

Em uma mesma semana de março (nos dias 11 e 14) John Cale (1942) esteve em duas unidades do Sesc.

No Vila Mariana, onde já se apresentara em 1999, e no Pompeia, onde dividiu o palco com Juçara Marçal, como parte da programação de dez anos do *Nublu Festival*, que promove o encontro entre artistas brasileiros e estrangeiros na cena contemporânea do jazz e de outras tendências musicais.

Na conversa com o público, no dia 14, no Sesc Vila Mariana, que preencheu a tarde de uma quarta-feira de clima agradável e ensolarado, o artista, notório pela criação do Velvet Underground, com Lou Reed (1942-2013), nos anos 1960, que foi do underground americano para o status de uma das bandas de rock mais influentes de que se tem notícia, compartilhou sua trajetória. Cale falou de sua história de músico de vanguarda, passando pelos acordes do baixo e da viola – seu primeiro instrumento –, e de suas experiências como produtor de discos, entre eles o homônimo de estreia da banda The Stooges, lançado há 50 anos (1969), e *Horses* (1975), clássico de Patti Smith. A seguir, os principais trechos do encontro histórico.

## O COMEÇO

Sou do País de Gales [*no Reino Unido*] e a minha formação musical vem da viola. Entrei em contato com a música *avant-garde* por intermédio do John Cage. Também estive em contato com La Monte Young [*compositor e músico do grupo Fluxus, movimento que reunia artistas ao redor do mundo, mas foi fundado em Nova York*]. Após essa minha experiência, o Velvet Underground veio como uma ideia: como posso colocar esse aprendizado no rock? Foi muito legal, pois o Lou Reed improvisava com uma facilidade gigantesca. Colocamos uma ponta de vanguarda e deu certo.

## A CENA

Em Nova York estava havendo uma revolução cultural, uma revolução na música, no cinema, eram muitas ideias e uma efervescência muito grande. A competição também existia, porque era muita gente criando. As pessoas usavam um lençol como suporte para exibir os filmes que tinham criado. Toda noite tinha um filme, um show, uma performance acontecendo. Eram muitos artistas jovens e indisciplinados. Muitas vezes íamos para festas e bares, onde as pessoas levavam seus cadernos para fazerem anotações e desenhos do que estava acontecendo. Eu não era muito de desenhar, só conversava com as pessoas e observava as situações surreais que aconteciam ao redor. Uma vez um colega nosso chegou ávido, nos contando que tinha ido abastecer o carro num posto de gasolina e viu um cara ser baleado. Havia um grupo chamado *Skull Family* (família da caveira) que tinha uma frota de táxi e sabia tudo que rolava por ali. A preocupação do nosso amigo era se ele ficaria seguro ou se tinha visto demais. Acredito que esse clima de “tudo pode acontecer”, somado à *Factory* [*grupo artístico ligado a Andy Warhol*], deixou o Lou Reed cansado antes de mim. Nesse contexto, veio o fim do Velvet. Chegamos a ouvir do Warhol: “Olha, vocês atingiram bastante gente com a sua música e amanhã eu consigo que vocês se apresentem em diversos museus da Europa, mas o público de vocês é o do disco da banana [*The Velvet Underground and Nico, 1967*]. Ou seja, ele nos aconselhou a sermos fiéis àquele público. Mas os

ciclos existem, as coisas acabam, e eu sempre respeitei muito o Lou Reed mesmo após o término do grupo.

## O REENCONTRO

Os shows de retorno do Velvet no início dos anos 1990 – com todos os membros originais, sem substituições – foram uma espécie de retrospectiva. Rodamos por Paris, Berlim, Polônia, Viena e eram tributos à banda e à Nico, então, em cada cidade recrutávamos artistas que amavam a Nico e a banda, tinham uma conexão musical. Tivemos a oportunidade de trabalhar com muita gente interessante, toda noite era uma galera diferente. Em Paris tocamos duas músicas da Nico com artistas diferentes e, também, arranjos diferentes. Então, você reconhecia a música, mas o arranjo se diferenciava. A cada apresentação, uma novidade.

## O PRODUTOR

Sempre pensei na questão do arranjo musical e, considerando a minha formação clássica, sentia vontade de trabalhar no estúdio e sabia que podia ser bom nisso. A Nico, após a saída do Velvet, assinou com a gravadora *Electra Records* e eu quis muito produzir seu primeiro disco solo [*The Marble Index, 1968*]. Em seguida conheci os *Stooges*, apresentados por um colega meu. Vi no palco e foi surpreendente, porque eles eram muito engraçados, mudavam o clima do palco. Da raiva ao riso, eram momentos excelentes. Então produzi o disco de estreia deles e foi assim que comecei a produzir.

SEMPRE PENSEI  
NA QUESTÃO DO  
ARRANJO MUSICAL E,  
CONSIDERANDO  
A MINHA FORMAÇÃO  
CLÁSSICA, SENTIA  
VONTADE DE  
TRABALHAR  
NO ESTÚDIO

## NOVOS SONS

Do Velvet para a carreira solo foi uma passagem brutal. Estávamos em constante guerra entre nós e o rock. Queríamos provar que éramos musicalmente sérios. E tinha o problema muito comum das drogas. Não vou afirmar que pessoas infelizes são um mercado, embora essa frase seja próxima da verdade. E nesse novo caminho veio um momento em que me fascinei pelo hip hop e seus artistas, com a forma como eles falavam do mundo em que viviam, jovens que falavam de um mundo estranho e maravilhoso em suas letras, por exemplo, *Snoop Dogg* e *Tyler, the Creator*. ■

# ALGARAVIA

*vozes em curto-circuito*

**T**odo um módulo sobre sobrevivências, leio na sua programação de aula e já não quero saber do que trata: importa, agora, suspender a leitura antes de preencher os sentidos o olho deve ser ágil no assalto – entre caça e passeio – ou apenas postar-se diante do que, por si mesmo, salta: uma expressão ou frase ou letra um vaga-lume na noite. Colher palavras soltas: lembrar-se:

*Tudo também pode girar em torno de imagens fugazes, desvio-me para outra página, a vida orgânica das formas* você não entende bem o meu modo de ler *girar em torno*, eu poderia dizer as palavras dançam como *dervish*.

Minha tarefa era te ajudar a escolher o curso deste semestre você me pergunta o que acho enquanto anoto no guardanapo as cintilações desta noite e tento imaginar o que seria um módulo inteiro sobre sobrevivências, : o que há de orgânico e fugaz em permanecer.

Não vou escrever agora. Na próxima limpeza da bolsa – que me salva os restos dos dias – vou achar o guardanapo, abri-lo : novo salto e caça e silêncio outro giro dos sentidos: dança, desvio





## Você se deita no sofá com camisa e calça de brim.

Visto apenas camiseta e calcinha. Como sempre.  
Vamos ver um filme.

Você está sempre pronto para sair.

Eu troco a roupa no último minuto, gosto  
de estar à vontade em casa.

Quando precisamos de pão, ou de algo da farmácia,  
geralmente você vai.

E reclama que eu não gosto de fazer compras.

Você não gosta de listas.

Desde que me casei, multiplicaram-se as listas:  
areia para as gatas, ração, leite para a bebê, todos os grupos  
de alimentos para o almoço e o jantar da bebê,  
pomada para a bebê, fraldas para a bebê, etc. etc.

Listas para poemas:

- você com calça de brim no sofá
- você que me pede para fazer uma lista de filmes
- comparar as minhas duas novas cicatrizes
- as fotos que recebo no celular com a legenda *Olhares*
- a filha que quer brincar com as tomadas.

Falta de tempo para escrever os poemas que estão  
na lista de ideias para poemas.

Falta de tempo para rever a lista.

Antes, você ficava com sapatos em casa.

Agora fica de meias e chinelos.

Uma concessão que faz para mim. Não gosto  
de sapatos dentro de casa.

Você mistura o dentro e o fora. Tento separar:  
a rua vem até aqui.

Tento pensar o que isso quer dizer de você e de mim.

Você reclama que faço poucas concessões.

Penso no significado jurídico de concessão:  
explorar uma atividade, assumir riscos, prestar contas.  
Tento pensar numa lista de concessões. Mas me  
desvio na exploração das águas, da energia elétrica,  
do subsolo, o casamento como um Estado  
delegando os seus serviços.

Não gosto de dormir vestida, mesmo no frio.

Você aprendeu esse hábito dormindo comigo.

Acho que as minhas concessões são assim, não como  
'tirar a roupa no frio', quero dizer: como um  
novo hábito. Mas há algo de choque, então:  
posso combinar as metáforas.

Já é inverno. Mesmo assim, continuo de calcinha  
e camiseta. Não gosto de sentir frio. Gosto menos  
de estar sempre pronta para a farmácia ou o  
supermercado, preciso de um pijama quente, saio e  
compro coisas para a nossa filha, me desvio, posso  
chamar de concessão o que é puro amor?

Ontem perguntei por que você estava se  
arrumando às 7 horas da manhã.

'Porque vou sair depois do almoço e é mais fácil  
já estar pronto', você respondeu, enquanto servia  
o café que eu fiz.

Fazer café todo dia para nós é talvez concessão,  
ou amor, ou talvez o casamento seja também como  
uma lista em sobreposição: opostos são sinônimos,  
atravessados; o que antes eu só sabia fazer num poema.

Penso no que tudo isso quer dizer de você e de mim.





**Como no poema de Joseph Stroud:**  
depois de cinco anos de casamento,  
alguém pensa que encontrou  
*A mais difícil tradução do amor:*  
“Mas foi como aquela noite na mostra  
de filme estrangeiro  
quando de repente no meio do filme  
as legendas sumiram e entrou a dublagem  
e por um segundo pensou que entendia romeno.”

Penso nos meus pais  
eles não gostam de acompanhar as legendas,  
por certa preguiça (ou descuido) preferem  
filmes dublados  
talvez o amor seja isso, língua escolhida  
sem mistificação.

Passo o dia pensando em amor, filmes e tradução  
penso: talvez amor seja o oposto:  
ver um filme dublado que muda o idioma  
ganha legendas  
mas som e texto não se encaixam no tempo.

Lembro de você no café da manhã lendo  
as notícias no seu celular  
enquanto no meu eu lia *A mais difícil  
tradução do amor*

Ou: o filme perfeitamente dublado ganha legendas  
e toda a história parece contada em um cenário  
distante demais.  
Abandono a sala. Penso em países que não vou conhecer.

De tarde, pensar: a tradução parece cinema mudo.  
O que dá certo ar cômico à ideia do amor

‘Depois de um ano de casamento’ seria o início  
do nosso poema,  
o que não dá a devida seriedade à ideia de tradução

ou: quando no meio do filme entram as legendas  
você percebe que a história acontece em uma língua  
estrangeira  
– que nenhum dos dois conhece –  
o amor é dublagem inventada, você finalmente entende  
sobrepondo outra história:  
é quando o próprio filme desaparece. ■

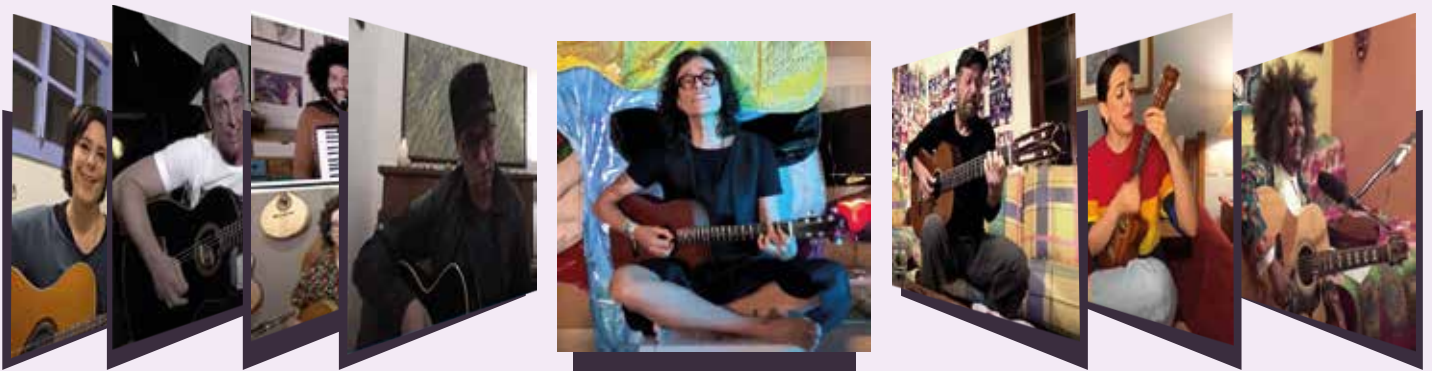
**MÔNICA DE AQUINO** é poeta, autora de *Sístole* (Bem-Te-Vi, 2005), *Continuar a Nascer* (Relicário Edições, 2019) e outras obras. Foi finalista do 61º Prêmio Jabuti na categoria Poesia com o livro *Fundo Falso* (Relicário Edições, 2018). Os poemas desta seção fazem parte do projeto *Mofo em Floração*, feitos em diálogo com textos, sons e imagens de Alejandra Pizarnik, Joseph Stroud, Carlieto Azevedo, Gustavo Silveira Ribeiro e Georges Didi-Huberman.

em CASA COM SESC

programação ao vivo todos os dias

Pato Fu, Paulo Miklos, Hamilton de Holanda e Mestrinho, Zeca Baleiro, Zélia Duncan, João Bosco, Roberta Sá, Chico César e muitos outros já passaram por aqui.

**Siga as redes sociais do Sesc São Paulo e acompanhe a programação.**



[instagram.com/sescaovivo](https://www.instagram.com/sescaovivo)

[youtube.com/sescsp](https://www.youtube.com/sescsp)

[facebook.com/sescsp](https://www.facebook.com/sescsp)



## COMO COMPRAR INGRESSOS PARA AS ATIVIDADES DO SESC?

**Para os espetáculos que ocorrem nas unidades\* do Sesc no Interior,** consulte as informações sobre a venda de ingressos na descrição do espetáculo de interesse, no Portal Sesc SP.

**Para os espetáculos que ocorrem nas unidades\* da capital, Grande São Paulo e litoral,** os ingressos ficam disponíveis para venda semanalmente, sempre em dois lotes:

**No Portal Sesc SP:** às terças-feiras, a partir das 12h, em diferentes horários.

**Presencial:** às quartas-feiras\*\*, a partir das 17h30, nas bilheterias das unidades do Sesc.

Serão disponibilizados os ingressos para atividades que acontecem na semana seguinte, compreendida entre segunda-feira e domingo. Para temporadas de espetáculos, serão consideradas as datas de estreia para início das vendas de toda a temporada.

\* Apenas uma porcentagem dos ingressos será destinada à venda online.  
\*\* Em caso de feriado, as vendas terão início no dia útil posterior.

Consulte a limitação de venda de ingressos por pessoa/CPF na descrição do espetáculo de interesse, no **Portal Sesc SP**.

operadora ou banco emissor e da data de fechamento/vencimento da fatura do cartão de crédito. Não haverá devolução em dinheiro.

O ingresso comprado nas bilheterias das unidades do Sesc SP não será devolvido ou trocado para outro horário, dia ou espetáculo.

## CANCELAMENTO DO ESPETÁCULO PELO SESC SÃO PAULO

Em caso de cancelamento do espetáculo por parte do Sesc São Paulo, os valores dos ingressos adquiridos, tanto no **Portal Sesc SP** quanto nas bilheterias das unidades, serão devolvidos integralmente.

O valor do ingresso online, não retirado nas bilheterias, será estornado no cartão de crédito utilizado na compra. A solicitação desse estorno será feita automaticamente pelo Sesc às operadoras de cartão de crédito/banco emissor. O crédito do valor estornado poderá ocorrer na fatura seguinte ou subsequente, pois dependerá dos procedimentos de cada operadora ou banco emissor e da data de fechamento/vencimento da fatura do cartão de crédito.

O valor dos ingressos comprados nas bilheterias e dos ingressos comprados online e já retirados serão devolvidos em dinheiro. Para tanto, apresente o ingresso em até 30 dias, a contar da data de divulgação do cancelamento do espetáculo, em qualquer bilheteria das unidades do Sesc SP.

## CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA

Consulte sempre a classificação indicativa das atividades em seu descritivo no **Portal Sesc SP**. Nas apresentações proibidas para menores de 18 anos, não será permitida a entrada de menores de 18 anos, mesmo que acompanhado de pais ou responsáveis.

## IMPORTANTE

- O Sesc não opera com reserva de ingressos.
- Excepcionalmente, a venda e distribuição de ingressos para determinados espetáculos poderá iniciar em dias e horários diferentes do estabelecido. Nesses casos, estas informações estarão sempre antecipadas na área de programação dos espetáculos.
- Não é permitida a entrada após o início do espetáculo, não havendo devolução do valor pago ou troca para outro dia, horário ou espetáculo.
- Fotos, filmagens ou gravações serão permitidas somente com autorização prévia.
- Lembre-se de desligar aparelhos sonoros, tais como telefones celulares, tablets e outros.
- Cuide bem do seu ingresso. Em caso de perda ou dano não haverá reimpressão. Em caso de roubo, será necessário apresentar Boletim de Ocorrência em que constem as informações sobre o ingresso.
- Pessoas com deficiência, idosos com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos, gestantes, lactantes, pessoas com crianças de colo e pessoas com necessidades especiais terão atendimento prioritário para compra presencial de ingressos, respeitando a limitação de venda de cada espetáculo.
- É permitida a entrada de cães-guia.

## FORMAS DE PAGAMENTO

### VENDAS ONLINE

- **Loja Sesc:** cartão de crédito (à vista e/ou parcelado em até 8x sem juros\*) ou boleto bancário (à vista).
- **Ingressos:** cartão crédito (à vista).
- **Seminários e Congressos:** cartão de crédito (à vista e/ou parcelado em até 8x sem juros\*) ou boleto bancário (à vista).
- **Cursos de Longa Duração:** Centro de Pesquisa e Formação: cartão de crédito (à vista e/ou parcelado em até 10x sem juros\*) ou boleto bancário em até 10 parcelas\*\*\*
- **Reservas Bertogga:** cartão de crédito (à vista e/ou parcelado em até 8x sem juros\*) ou boleto bancário (em até 4 parcelas\*\*).

### PONTOS DE VENDA PRESENCIAL

- **Alimentação:** dinheiro, cartão de débito, cartão de crédito (à vista) e Voucher Refeição.
- **Estacionamento:** dinheiro, cartão de débito, cartão de crédito (à vista).
- **Ingressos:** dinheiro, cartão de débito, cartão de crédito (à vista) e Voucher Cultura.
- **Ingresso Um Dia no Sesc Bertogga:** dinheiro, cartão de débito, cartão de crédito (à vista).
- **Loja Sesc:** dinheiro, cartão de débito, cartão de crédito (à vista e parcelado em até 8x sem juros\*). Para livros, revistas, cd's e dvd's: Voucher Cultura.
- **Reservas Bertogga:** dinheiro, cartão de débito, cartão de crédito (à vista e/ou parcelado em até 8x sem juros\*). Consulte informações referentes à nota promissória\*\*.
- **Serviços Odontológicos:** dinheiro, cartão de débito, cartão de crédito (à vista e/ou parcelado em até 12x sem juros\*). Consulte informações referentes à nota promissória\*\*\*.
- **Seminários:** dinheiro, cartão de débito, cartão de crédito (à vista) e Voucher Cultura.
- **Turismo Social (excursões):** dinheiro, cartão de débito, cartão de crédito (à vista e parcelado em até 8x sem juros\*) ou boleto (à vista e/ou parcelado em até 8x sem juros\*).
- **Turismo Social (passeios):** dinheiro, cartão de débito, cartão de crédito (à vista e/ou parcelado em até 8x sem juros\*).

**BANDEIRAS DE CARTÕES DÉBITO E CRÉDITO - PONTOS DE VENDAS PRESENCIAL:** Mastercard, Visa, Hipercard, Elo Crédito, Elo Débito, Maestro, Visa Electron, Aura e Cabal.

**BANDEIRAS VOUCHERS REFEIÇÃO E CULTURA - PONTOS DE VENDAS PRESENCIAL:** Alelo, Sodexo, VR, Ticket.

**BANDEIRAS VENDAS ONLINE:** Mastercard, Visa, Elo Crédito e Hipercard.

**DÚVIDAS**  
sescsp.org.br

## O QUE VOCÊ PRECISA SABER SOBRE A VENDA ONLINE DOS INGRESSOS?

Para comprar ingressos no **Portal Sesc SP** é necessário cadastrar-se no "Meu Perfil".

Após o preenchimento do formulário de cadastro, será enviada uma mensagem com o link de confirmação para ativar o cadastro. Caso não a receba na caixa de entrada do seu e-mail, verifique na caixa de spam, quarentena, promoções, lixo eletrônico ou lixeira.

A compra de ingressos no **Portal Sesc SP** permanecerá disponível até duas horas antes do início do espetáculo. Depois disso, os ingressos disponíveis poderão ser adquiridos pessoalmente nas bilheterias das unidades.

Ao comprar ingressos, o CPF do responsável pela compra estará vinculado à transação, restringindo a venda para os espetáculos em que há limitação de ingressos por pessoa.

Os lugares numerados para a venda online são distribuídos de forma aleatória, considerando sempre a oferta equilibrada entre os lugares mais próximos e afastados do palco.

Não há distribuição online de ingressos gratuitos. Os espetáculos infantis com gratuidade para crianças até 12 anos, ou aqueles que parcialmente oferecem ingressos gratuitos para categorias especiais, não estarão disponíveis para venda online.

**Importante:** leia atentamente a política de venda de ingressos.

## QUAIS SÃO AS CATEGORIAS DE INGRESSOS DO SESC?

As categorias atendidas com desconto\* são: trabalhador do comércio, serviços e turismo credenciado no Sesc e dependentes | estudante | ID Jovem | servidor da escola pública | aposentado | pessoa com 60 anos ou mais | pessoa com deficiência e o seu acompanhante.

É imprescindível a apresentação do documento que comprove o direito ao desconto na entrada da atividade.

Caso o documento comprobatório não possua foto, será necessário apresentar também um documento oficial com foto.

Os ingressos comprados na categoria incorreta não terão devolução da diferença de valor.

Caso não seja comprovado o direito ao desconto, será necessário complementar o valor do ingresso.

\*Comprovantes aceitos para ingressos com desconto: credencial plena do Sesc válida | carteirinha de estudante, carteirinha escolar do ano ou semestre vigente, comprovante de matrícula ou de pagamento de mensalidade | comprovante ID Jovem | carteira funcional ou holerite para servidor de escola pública | comprovante de aposentadoria | documento de identidade para pessoas com mais de 60 anos.

## COMO RETIRAR O INGRESSO COMPRADO ONLINE?

O ingresso poderá ser retirado na bilheteria de qualquer unidade do Sesc SP, mediante a apresentação do RG e o número do pedido.

Somente o titular da compra ou a pessoa indicada por ele poderá retirar o ingresso.

O titular da compra poderá indicar outra pessoa para retirar o ingresso no ato da compra, ou no cadastro "Meu Perfil >> Ingressos".

Recomendamos que a retirada do ingresso aconteça até um dia antes da realização da atividade.

Caso opte por retirá-los na unidade em que acontecerá a atividade, para sua comodidade, retire-os com até 30 minutos de antecedência. Lembramos que não é permitida a entrada após o início do espetáculo.

A retirada do ingresso online pelo responsável ou pessoa indicada confirma o interesse pela compra, impossibilitando a devolução ou troca para outro horário, dia ou espetáculo.

## COMO É CANCELADO O INGRESSO ONLINE?

De acordo com o artigo 49 do Código de Defesa do Consumidor, você poderá se arrepender da compra do ingresso online e solicitar a devolução do valor:

- Para ingressos online comprados com antecedência, a solicitação de devolução deverá ocorrer em até 7 (sete) dias após a data da compra, desde que o espetáculo não tenha ocorrido. Exemplo: Ingresso comprado no dia 20/01 para espetáculo do dia 31/01: a devolução será até o dia 27/01, ou seja, até 7 dias após a compra.
- Para ingressos online comprados com menos de 7 (sete) dias da data do espetáculo, a solicitação da devolução deverá ocorrer em até 48h antes do espetáculo. Exemplo: Ingresso comprado no dia 20/01 para espetáculo do dia 26/01: a devolução será até o dia 24/01, ou seja, 48 horas antes.
- Para o ingresso online comprado no dia ou 48 horas antes do espetáculo, não haverá devolução. A solicitação de devolução do ingresso online somente será possível no prazo estabelecido e se o ingresso não tiver sido retirado. O titular da compra poderá fazer a devolução no **Portal Sesc SP**, acessando "Meu Perfil >> Ingressos".

O valor do ingresso devolvido será estornado no cartão de crédito utilizado no ato da compra e poderá ocorrer na fatura seguinte ou subsequente, pois dependerá dos procedimentos de cada

\* Para o parcelamento é necessário o valor mínimo de R\$ 30.

\*\* Boleto bancários garantidos por Nota Promissória - 4 x (à vista e 3 parcelas pagas até a prestação do serviço). Recebimento de boletos bancários nas unidades do Sesc: somente dinheiro ou cartão de débito.

\*\*\* Boleto bancários garantidos por Nota Promissória em até 12 x (à vista e 11 parcelas). Recebimento de boletos bancários nas unidades do Sesc: somente dinheiro ou cartão de débito.



Central de Atendimento Sesc Guarulhos

**OS EMPREGADOS COM REGISTRO EM CARTEIRA PROFISSIONAL, OS ESTAGIÁRIOS, OS TEMPORÁRIOS, OS DESEMPREGADOS HÁ ATÉ 12 MESES E AS PESSOAS QUE SE APOSENTARAM ENQUANTO TRABALHAVAM EM EMPRESAS DO RAMO DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO PODEM CREDENCIAR-SE NO SESC.**

**CRENCIAL PLENA**

- **titular**  
**trabalhadores do comércio de bens, serviços e turismo** - documento de identidade, CPF, carteira profissional atualizada e assinada que comprove o vínculo empregatício e foto 3x4\*.  
**estagiários do comércio de bens, serviços e turismo** - termo de compromisso ou carteira de trabalho em que conste o número do CNPJ da empresa, documento de identidade, CPF e foto 3x4\*.  
**temporários do comércio de bens, serviços e turismo** - contrato de trabalho ou holerite, carteira profissional atualizada, documento de identidade, CPF e foto 3x4\*.  
**desempregados do comércio de bens, serviços e turismo** - documento de identidade, CPF, carteira profissional com o último registro comprovando estar desempregado há até 12 meses e foto 3x4\*.  
**aposentados do comércio de bens, serviços e turismo** - documento de identidade, CPF, carteira profissional que comprove aposentadoria quando trabalhava em empresa do comércio de bens, serviços e turismo, além de comprovante do órgão de Previdência Social contendo essas informações e foto 3x4\*.  
**titular falecido** - o dependente cujo trabalhador, estagiário, temporário ou aposentado do comércio de bens, serviços e turismo é falecido, poderá requerer sua Credencial Plena. Além dos documentos citados na lista de titular e dependentes, deverão apresentar também a certidão de óbito.
- **dependentes**  
**cônjuge** - documento de identidade, CPF, certidão de casamento, ou de nascimento de filhos em comum, ou, ainda, declaração de união estável e foto 3x4\*. *Para os casos de união estável, a certidão deve mencionar os nomes do casal, os números dos documentos de identidade e assinatura de ambos.*  
**filhos, enteados, netos e tutelados (até 21 anos)** - certidão de nascimento ou documento de identidade, CPF e foto 3x4\*. *Para os netos, além desses documentos, apresentar também documento que comprove o parentesco com o titular. E para os tutelados, comprovante de tutela.*  
**filhos, enteados e netos (entre 22 e 24 anos)** - documento de identidade, CPF, foto 3x4\* e comprovante de matrícula ou pagamento recente de mensalidade em ensino superior, profissionalizante, pós-graduação (lato sensu, stricto sensu ou residência médica), preparatório para o ensino superior ou educação de jovens e adultos (EJA).  
**pais e padrastos** - documento de identidade, CPF e foto 3x4\*. *Para os padrastos e madrastras, é necessário apresentar documento que comprove união com o pai ou mãe do titular.*  
**avós** - documento de identidade, CPF, documento que comprove o parentesco com o titular e foto 3x4\*.



**A INSCRIÇÃO É GRATUITA, VÁLIDA POR ATÉ 2 ANOS EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL E PODERÁ SER FEITA PELO TITULAR OU DEPENDENTES MAIORES DE 18 ANOS EM QUALQUER UNIDADE DO SESC.**

**CRENCIAL ATIVIDADES**

- A emissão da Credencial Atividades é gratuita, individual e permite o acesso às atividades, desde que haja disponibilidade de vagas, sem estabelecer vínculos associativos. Menores de 18 anos devem estar acompanhados dos pais ou responsáveis legais.
- Documento de identidade, CPF e foto 3x4\*.

**\*A foto poderá ser tirada gratuitamente no ato do credenciamento. Em caso de perda ou extravio da credencial será cobrada uma taxa de R\$20 para a emissão da segunda via.**

**LEGENDA DOS PREÇOS**

- Trabalhador do comércio, serviços e turismo credenciado no Sesc e dependentes (Credencial Plena).
- Aposentado, pessoa com mais de 60 anos, pessoa com deficiência e seu acompanhante, estudante e servidor da escola pública com comprovante.
- ▲ Credencial Atividades.



**SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO - SESC**  
**Administração Regional no Estado de São Paulo**  
 Av. Álvaro Ramos, 991 - Belenzinho

**CONSELHO REGIONAL DO SESC DE SÃO PAULO**

**Presidente:** Abram Abe Szajman.  
**Diretor Regional:** Danilo Santos de Miranda

**Efetivos:**

Aguinaldo Rodrigues da Silva, Benedito Toso de Arruda, Célio Simões Cerri, Dan Guinsburg, Jair Francisco Mafra, José Carlos Oliveira, José de Sousa Lima, José Maria de Faria, Manuel Henrique Farias Ramos, Marco Antonio Melchior, Marcos Nóbrega, Milton Zamora, Paulo João de Oliveira Alonso, Paulo Roberto Gullo, Rafik Hussein Saab, Reinaldo Pedro Correa, Rosana Aparecida da Silva e Valterti Martinez.

**Suplentes:**

Aldo Minchillo, Alice Grant Marzano, Amilton Saraiva da Costa, Antonio Cozzi Júnior, Costabile Matarazzo Junior, Edgar Siqueira Veloso, Edison Severo Maltoni, Edson Akio Yamada, Laércio Aparecido Pereira Tobias, Omar Abdul Assaf, Sérgio Vanderlei da Silva, Vitor Fernandes e William Pedro Luz.

**REPRESENTANTES DO CONSELHO REGIONAL JUNTO AO CONSELHO NACIONAL**

**Efetivos:**

Abram Abe Szajman, Ivo Dall'Acqua Júnior e Rubens Torres Medrano.

**Suplentes:**

Álvaro Luiz Bruzadin Furtado, Francisco Wagner de La Torre e Vicente Amato Sobrinho.

**CONSELHO DE REDAÇÃO E PROGRAMAÇÃO**

**Diretor:** Danilo Santos de Miranda

Adriane Ribeiro, Aira Fuentes Tacca, Alessandra Medeiros, Alisson Sbrana, Amanda Ghiroto, Beatriz Falasco, Bruno Salerno, Camilla Curaça, Claudio Eduardo Rodrigues, Dalmir Ribeiro Lima, Danilo Cava, Danny Abensur, David Sampaio, Diógenes Divizis, Edmar Júnior, Emily Fonseca de Souza, Estevão Denis, Fabiana Freitas, Geraldo Cruz, Glauro Gotardi, Giovanna B. Tagashi, Guilherme Leite Cunha, Gustavo Ramos, Hugo Carneiro, Ivy Granata Delalibera, Jacilene Magalhães, Jáderson J. Porto, Jean Karam, José Lima, José Junior, Juçimara Sena, Juliana Viana Barbosa, Jurandir Oliveira, Karla Priscila, Laíse Guedes, Lidiane de Jesus, Lúcio Erico, Marcelo Carvalho, Mariana Krauss, Mídiã Claudio Silva, Nadya Librelon, Natalia Freitas, Poliana Queiroz, Regina Siqueira, Ricardo Carrero, Sidênia Freire, Sílvia Garcia, Thais Kruse, Thiago Marchini, Vagner Martins e Wagner Linares

**REVISTA E**

**Coordenação Geral:** Ivan Paulo Giannini

**Diretor Responsável:** Miguel de Almeida. • **Diretor de Arte:** Werner Schulz

• **Edição de Textos (Revista E):** Ana Paula Cardoso e Maria Julia Lledo

• **Edição de Fotografia:** Adriana Vichi • **Repórteres:** Marcos Ribeiro de Carvalho e Maria Julia Lledo

• **Edição do Em Cartaz:** Paula Wulf, Alex Olobardi, Rebeca Fomazzari e André Olobardi

• **Revisão:** Luciana Batista de Azevedo

• **Coordenação Executiva:** Marcos Ribeiro de Carvalho e Fernando Fialho

• **Coordenação Editorial Revista E:** Adriana Reis e Marina Pereira

• **Coordenação Editorial Em Cartaz:** Aline Ribenboim

• **Propaganda:** Daniel Tonus, José Gonçalves Júnior e Renato Perez de Castro

• **Arte de Anúncios (Revista E e Em Cartaz):**

Alexandre Calderero e José Gonçalves Júnior

• **Supervisão Gráfica:** Hélcio Magalhães

• **Finalização:** Lourdes Teixeira e Werner Schulz

• **Criação Digital Revista E:** Ana Paula Fray e Priscila Ravanelli Andreani

• **Circulação e Distribuição:** Jair Moreira

**Jornalista Responsável:** Miguel de Almeida MTB 14122. A **Revista E** é uma publicação do Sesc São Paulo sob coordenação da **Superintendência de Comunicação Social** e realizada pela **Lazuli Editora**. Distribuição gratuita. Nenhuma pessoa está autorizada a vender anúncios.

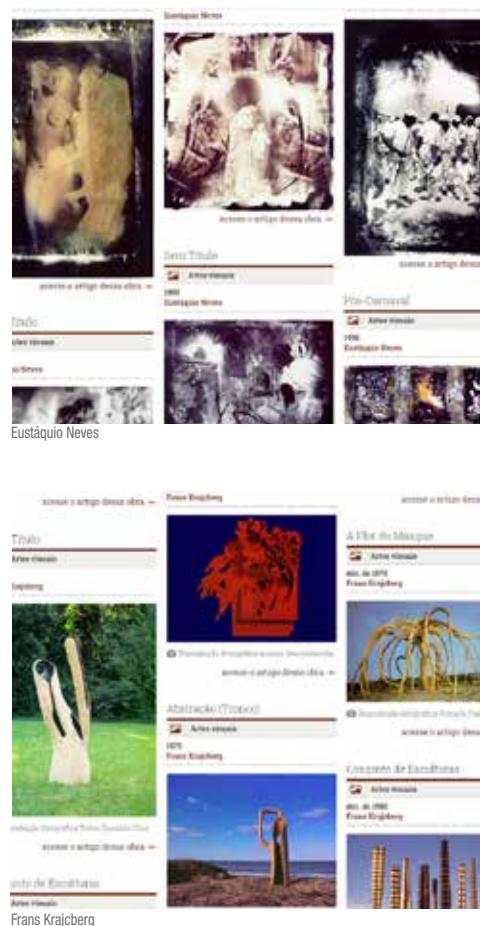
Esta publicação está disponível no site:  
[sescsp.org.br](http://sescsp.org.br)

O Sesc São Paulo consciente da sua responsabilidade ambiental e social, utiliza papéis com certificado FSC® (Forest Stewardship Council®) para impressão desta revista. A Certificação FSC® garante que uma matéria-prima florestal provenha de um manejo considerado social, ambiental e economicamente adequado e de outras fontes controladas para impressão dessa revista. Impresso na Log & Print Gráfica e Logística S/A. Certificada na Cadeia de Custódia - FSC®



Imagens da  
Enciclopédia Itaú Cultural

Canção da Partida: sistematização da ciranda



## Enciclopédia Itaú Cultural

Em grandes e pesados volumes, as enciclopédias eram cobiçadas como presentes ou herdadas por familiares até o final do século 20. Preciosidades a habitar as prateleiras da estante de diversos lares brasileiros. Quem foi Napoleão Bonaparte? Como nasceu o movimento modernista no Brasil? Que mistério ronda o Triângulo das Bermudas? A resposta para quase toda e qualquer questão estava lá, muito antes dos buscadores da internet esclarecerem dúvidas de História, Literatura, Geografia e de outras áreas do conhecimento. Aliás, graças à revolução digital, todos esses livros de capa dura foram condensados e armazenados na rede. Um desses acervos virtuais é a Enciclopédia Itaú Cultural.

A um clique, e de forma gratuita, há a possibilidade de conhecer, viajar e aprender.

Publicada na internet em abril de 2001, a primeira versão da Enciclopédia Itaú Cultural dedicava-se exclusivamente às Artes Visuais. Numa época anterior à popularização da internet, ela já reunia três mil verbetes.

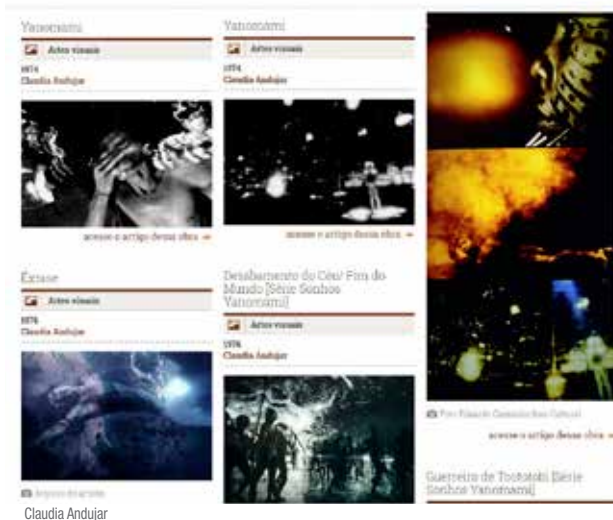
A partir de 2004, houve uma expansão no campo das artes com a inclusão do Teatro. Três anos depois, entraram Arte e Tecnologia somada à Literatura. Mas foi em 2014 que Cinema, Dança e Música passaram a fazer parte da obra. Hoje, a então chamada Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira está organizada em mais de 164 mil verbetes classificados nas categorias: pessoas (ex.: artistas, críticos e colecionadores), grupos, obras, eventos (ex.: espetáculos e exposições), instituições, termos e conceitos



Francisco Brennand



Lily Sverner



Claudia Andujar



Rubens Gerchman

(ex.: escolas, movimentos e técnicas). E para mergulhar nesse vasto acervo virtual também há recursos em vídeo e acesso em Libras.

### ESPAÇO DO PROFESSOR

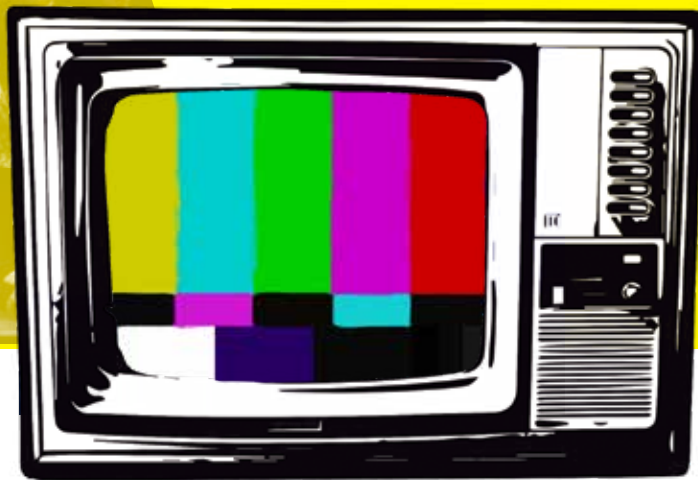
Outro espaço dessa enciclopédia dedica-se à educação. O *Espaço do Professor* é um canal de divulgação de conteúdos exclusivos para educadores. Os verbetes do acervo são ponto de partida para a criação de planos de aula sobre arte e cultura brasileiras. Recomendados para diferentes etapas de aprendizado, eles contemplam desde o ensino infantil até a educação de jovens e adultos (EJA).

Chamados de *Cadernos do Professor*, os planos de aula sugerem diálogos e conexões entre expressões artísticas mapeadas, e oferecem possíveis abordagens

dos temas a partir da utilização do conteúdo disponível no site (textos, vídeos, áudios, imagens etc.). Há, por exemplo, um caderno que propõe, a partir da vida e obra do pintor brasileiro Heitor dos Prazeres (1898-1966), que os alunos conversem, discutam e conheçam mais sobre a arte naïf. Os planos de aula ainda instigam a construção de um olhar crítico sobre os temas abordados.

Acessível e gratuita, essa enciclopédia nunca vai juntar poeira e estará sempre disponível para quem deseja conhecer novos personagens e cenários da cultura brasileira, sem sair de casa. Acesse: [www.encyclopedia.itaucultural.org.br](http://www.encyclopedia.itaucultural.org.br). ■

Fonte: ENCICLOPÉDIA Itau Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itau Cultural



## Em todas as telas

As primeiras recordações que tenho do poder das imagens em movimento aconteceram ainda nos idos dos anos 1980, durante a comoção com a prematura morte da cantora Elis Regina. As telas dos noticiários da TV mostravam aos olhos de uma criança que aquela voz que se calava tão cedo era capaz de magnetizar uma audiência que não estava presente apenas em seus shows, mas acompanhava o alcance de sua interpretação através das telas e para além delas. As imagens que guardo na memória são prova do vínculo social que a televisão é capaz de criar, sobretudo em um país com as dimensões e diversidade regional do Brasil, onde, por vezes, a cultura audiovisual prevalece sobre a letrada.

Depois do rádio, que foi o primeiro veículo de comunicação nacional, a televisão atingiu nos anos setenta o feito de “integrar” as populações regionais e periféricas à moderna sociedade de consumo. Passou a ser o objeto de desejo presente nos lares do país, a integrar de forma onipresente as regiões do Brasil.

A televisão continuou a proporcionar outros vínculos afetivos na minha infância, quando eu viajava para um imaginário Sítio do Pica-Pau Amarelo. A partir da adaptação para TV, cheguei à obra original da literatura de Monteiro Lobato! A cultura audiovisual me possibilitou um primeiro contato com a mediação cultural, que viria a estudar nos tempos universitários. Em meus estudos de mídia na Universidade de São Paulo, ao me deparar com o teórico espanhol Martín-Barbero, na sua clássica obra “Dos meios às mediações”, fiquei impressionada com o papel das mediações: possibilidades interpretativas com as quais o receptor lida quando se apropria dos discursos da mídia.

A potência da narrativa em imagens continuou a me instigar. Agora, observo de perto na figura da minha filha de apenas quatro anos de idade as mudanças de percepção das novas gerações consumidoras de audiovisual. Quais são suas escolhas de conteúdo nas novas plataformas de *streaming* e *on demand*? Minha filha decide o que ver e o que não ver e, ainda, a melhor hora para assistir a suas animações favoritas.

Seus hábitos como receptora de conteúdo refletem essas possibilidades de interação nas telas. Ela e sua geração têm acesso a um amplo repertório de produções infantis, nas mais variadas e conhecidas plataformas digitais e tipos de tela, quer sejam dispositivos móveis, TVs conectadas ou mesmo nas telas dos computadores.

Tanto na programação linear quanto nas plataformas digitais, o que atrai a atenção cada vez maior do público é a possibilidade de ter contato com uma narrativa audiovisual – documental ou de ficção – que carrega todo o potencial do contar histórias para se conectar com sua audiência e repercute a força do conteúdo visual. Quando um documentário ou série de ficção atinge esse “estado de Comunicação & Arte”, a repercussão desse conteúdo ganha corpo nas redes sociais e grupos de discussão, uma espécie contemporânea dos antigos “televizinhos”, aqueles grupos de vizinhos que se reuniam ao redor do aparelho de TV nos anos 1960.

Dessa forma, observo com olhos atentos, como programadora do canal cultural do Sesc em São Paulo, que mantém uma programação com o objetivo de ampliar a ação social e cultural do Sesc para todas as regiões do país, as novas formas de aproximação da audiência com o conteúdo do SescTV. Acredito que trabalhar em um canal cultural preocupado com a mediação com o público e suas possibilidades de interpretar o discurso imagético é instigante e nos torna responsáveis em manter um contínuo diálogo com as novas formas de conteúdo e de percepção do público. Afinal, educar para a mídia e conectar reflexão e percepção na área das Comunicações junto à sociedade deve ser uma busca contínua entre os produtores de conteúdos em todas as telas, e até mesmo para além delas. ■

**SIDÊNIA FREIRE** é graduada em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH-USP e Mestre em Ciências da Comunicação (Linha de Pesquisa Ficção Televisiva) pela Escola de Comunicações e Artes da USP. É coordenadora de Programação do SescTV.



13 de maio

# ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA



NO PRELO \*

## LIÇÕES DE RESISTÊNCIA artigos de Luiz Gama na imprensa de São Paulo e do Rio de Janeiro Ligia Fonseca Ferreira (org.)

Publicados entre as décadas de 1860 e 1880, textos de Luiz Gama – negro, ex-escravo e autodidata – relatam a história de mulheres e homens anônimos que permaneceram sob o regime de escravidão, mesmo após a Lei do Ventre Livre, de 1831.

## MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO a resistência nas ruas

Ennio Brauns, Gevanilda Santos e José Adão de Oliveira (org.)  
Edições Sesc SP | Fundação Perseu Abramo

Fotos, testemunhos, manifestos e artigos retratam a luta de mulheres e homens negros brasileiros que tiveram no Movimento Negro Unificado uma das principais frentes organizadas contra o racismo e a segregação sociorracial.



NO PRELO \*

\* Enquanto os livros ficam prontos nas gráficas, leia trechos em [sescsp.org.br/abolicao](http://sescsp.org.br/abolicao)

Visite a loja virtual [sescsp.org.br/loja](http://sescsp.org.br/loja)  
e conheça o catálogo completo

 /edicoessescsp

edições  
**Sesc**

